

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Ingrid Portugal do Prado

**ADOLESCÊNCIA E ANSIEDADE: uma revisão integrativa
em Psicologia**

Taubaté – SP
2019

Ingrid Portugal do Prado

**ADOLESCÊNCIA E ANSIEDADE: uma revisão integrativa
em Psicologia**

Monografia apresentada para obtenção de certificado de Graduação pelo Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté, sob orientação do Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

**Taubaté – SP
2019**

INGRID PORTUGAL DO PRADO

**ADOLESCÊNCIA E ANSIEDADE: uma revisão integrativa
em Psicologia**

Monografia apresentada para obtenção de certificado de Graduação pelo Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté, sob orientação do Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Régis de Toledo Souza – UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Assinatura: _____

Profa. Dra. Cláudia Regina de Freitas – UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Assinatura: _____

**Taubaté – SP
2019**

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a todos os adolescentes que muitas vezes são incompreendidos pela sociedade, pelas instituições, pelos seus próprios familiares e por si mesmos. Dedico aos adolescentes que sofrem com algum transtorno mental e/ou físico e que muitas vezes são rotulados pela sociedade a partir dos seus sintomas. Dedico aos adolescentes que já possuem o peso e a responsabilidade da vida adulta. Dedico aos adolescentes que são silenciados devido a diversos fatores preconceituosos. Dedico a Ingrid adolescente que estará sempre viva em mim. Dedico a todos que um dia já foram, que são e que um dia serão adolescentes. Desejo e espero que vocês possam viver com alegria ou ressignificar a experiência da adolescência, além disso, desejo que o universo científico possa olhar a adolescência com uma visão positiva.

AGRADECIMENTOS

A mim mesma por cada decisão que tomei na minha vida que hoje me trouxe a onde estou.

A minha mãe, Ana Paula, que me carregou, ainda adolescente, em sua barriga e que hoje está sempre ao meu lado apoiando meus sonhos. Foi essa mulher que sempre se referiu à adolescência como uma fase deliciosa. Sempre levo comigo um dos seus maiores ensinamentos: “Eu só quero que você seja feliz minha filha! ”. Obrigada mãe, por ser inspiradora, por me ouvir e por estar ao meu lado. A mamadeira já está e irá se manter cheia.

Ao meu pai, Alexandre, que sempre me deu suporte para olhar a vida de maneira mais realista, mas que também sempre me permitiu sonhar. Esse homem é minha inspiração de determinação, dedicação e integridade. Obrigada pai, por não medir esforços para me fazer feliz, por sempre me dar forças, por acreditar em mim e me incentivar a conquistar meus sonhos.

Ao meu namorado e parceiro de vida, Gabriel, que com seu amor e leveza me ajudou a diminuir a ansiedade nos momentos mais críticos desses últimos anos da faculdade e da produção desse trabalho. Obrigada Ga, por me incentivar e me inspirar a ser a melhor versão de mim, por me fazer olhar a vida com outros olhos (de leveza e alegria) e por lembrar do meu potencial quando eu esqueço. Você me mostra como é possível ser responsável e ser criança ao mesmo tempo.

Aos meus amigos e colegas de sala que compartilharam comigo a experiência de fazer um curso integral, o desespero e a delícia de conciliar a vida de estudante com a pessoal. Que me fizeram rir com as experiências, chorar com as partilhas e crescer com o convívio. Espero que todos se mantenham grandes seres humanos e sejam grandes profissionais.

Ao meu orientador e mentor, Régis, que me inspira a ser uma profissional humana, crítica e ciente da sociedade em que estou inserida. Que sempre acreditou em mim e me acalmou nos momentos de desespero. Que compartilhou sua sabedoria e conhecimento. Espero que você tenha uma longa jornada como profissional e que continue transformando alunos em seres humanos mais conscientes.

*Um Encontro de dois:
olhos nos olhos,
face a face.*

*E quando estiveres perto,
arrancar-te-ei os olhos e
colocá-los-ei no lugar dos meus;*

*E arrancarei meus olhos
para colocá-los no lugar dos teus;*

*Então ver-te-ei com os teus olhos
e tu ver-me-ás com os meus.*

Jacob Levy Moreno

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo identificar como a Psicologia tem estudado a adolescência e a ansiedade, bem como elencar as características encontradas nos artigos, identificar qual abordagem adotada sobre adolescência e a ansiedade, verificar como a ansiedade e a adolescência influenciam uma à outra e analisar, a partir da Sócio-Histórica, como tem sido a produção científica da Psicologia sobre esses fenômenos. Para atender a esses objetivos, adotou-se como método a revisão integrativa da literatura a partir das palavras chaves “adolescente”, “ansiedade” e “psicologia”. Ao todo, foram selecionados para análise 15 artigos indexados nas bases de dados SCIELO, PEPSIC, LILACS e BVS. Os resultados evidenciaram a necessidade de novos estudos que explorem mais o tema da ansiedade na adolescência sem naturalizar esses processos e/ou deslocar esses fenômenos da realidade; além de pesquisas que integrem em sua amostra o início e o fim da adolescência; bem como pesquisas que abordem sobre o atendimento psicológico nesses contextos; pesquisas que estudem a aprendizagem, adolescência e ansiedade e pesquisas que adotem como método a revisão de literatura. Por fim, a adolescência é um processo que todo ser humano vivencia, podendo ser marcada por sentimentos de ansiedade ou não, por isso, é necessário que a Psicologia estude sobre esses fenômenos em sua totalidade sem deslocá-lo da sociedade e sem estabelecer um padrão normativo.

Palavras-Chave: Revisão integrativa. Adolescência. Ansiedade. Psicologia Sócio-Histórica. Psicologia crítica.

ABSTRACT

This monography aims to identify how Psychology has studied adolescence and anxiety, as well as to list the characteristics found in the articles studied, identify which approach was adopted in those articles about adolescence and anxiety, study how anxiety and adolescence influence one another and analyze as of the Sociohistorical Psychology how the scientific production about these phenomenon has been. To achieve these goals, it was chosen as a method the integrative literature review with the keywords “adolescence”, “anxiety” and “psychology”. In all, 15 articles published indexed in the SCIELO, PEPSIC, LILACS and BVS. The results showed a necessity that future research goes further on anxiety in adolescence not making these processes seem natural and/or displacing these phenomena of reality; in addition to researches that integrate in its sample the beginning and the end of the adolescence; as well as research addressing psychological care in these contexts; researches that study learning, adolescence and anxiety and researches that use the literature review as a method. Finally, adolescence is current process that every human being experiences, may be marked by feelings of anxiety or not, so it is necessary that Psychology studies about these phenomena in their entirety, nor displacing it from society and neither establishing a normative standard.

Key-Words: Integrative review. Adolescence. Anxiety. Sociohistorical psychology. Critical psychology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Ano de publicação	31
Tabela 2 – Periódicos.....	32
Tabela 3 – Autores	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Base de dados	31
Quadro 2– Fatores dos objetivos	35
Quadro 3– Faixa etária da amostra	37
Quadro 4– Aspectos da adolescência	40
Quadro 5 – Aspectos da ansiedade	43
Quadro 6 – Estudo 1	74
Quadro 7 – Estudo 2	75
Quadro 8 – Estudo 3	76
Quadro 9 – Estudo 4	77
Quadro 10 – Estudo 5	78
Quadro 11 – Estudo 6	79
Quadro 12 – Estudo 7	81
Quadro 13 – Estudo 8	82
Quadro 14 – Estudo 9	84
Quadro 15 – Estudo 10	86
Quadro 16 – Estudo 11	87
Quadro 17 – Estudo 12	88
Quadro 18 – Estudo 13	89
Quadro 19 – Estudo 14	90
Quadro 20 – Estudo 15	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Fatores dos objetivos.....	36
Gráfico 2– Faixa etária da amostra	38
Gráfico 3 – Aspectos da adolescência	41
Gráfico 4 – Aspectos da ansiedade.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 Objetivo geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	11
1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO	12
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA	14
2.2 PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	16
2.3 ADOLESCÊNCIA	17
2.4 PROCESSO DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA	20
2.5 ANSIEDADE	22
3 MÉTODO	26
3.1 TIPO DE PESQUISA	26
3.2 DELINEAMENTO EMPREGADO	26
3.2.1 Seleção do tema e hipótese	27
3.2.2 Estabelecimento de critério dos dados	27
3.2.3 Definição das informações e categorização dos estudos	28
3.2.4 Avaliação dos estudos	29
3.2.5 Interpretação dos resultados	29
3.2.6 Síntese do conhecimento	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PESQUISAS	30
4.2 ASPECTOS FORMAIS	30
4.3 ASPECTOS DE CONTEÚDO	33
4.4 DISCUSSÃO TEMÁTICA DOS PRINCIPAIS RESULTADOS	44
4.4.1 Quanto aos objetivos das pesquisas	46
4.4.2 Quanto a visão sobre a adolescência das pesquisas	51
4.4.3 Quanto a visão sobre a ansiedade das pesquisas	58
4.5 ANÁLISE GLOBAL	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE	74

1 INTRODUÇÃO

Será apresentado no decorrer desta pesquisa o problema de pesquisa, os objetivos estabelecidos, a relevância do estudo, a fundamentação da Psicologia Sócio-Histórica, a contextualização da sociedade, o processo da identidade na adolescência e a ansiedade, em seguida, será apresentada a metodologia escolhida para a pesquisa, os resultados, discussões e por fim, as considerações finais.

A adolescência e a ansiedade são temas importantes e atuais que o campo científico tem cada vez mais produzido pesquisas que contribuem com profissionais e indivíduos interessados nessa área. Dito isso, esta pesquisa apresenta uma revisão de literatura que busca identificar como a Psicologia tem abordado a questão da ansiedade e adolescência, além de adotar a Psicologia Sócio-Histórica para realizar uma análise crítica a partir dos resultados que serão obtidos.

A Psicologia Sócio-Histórica concebe o fenômeno psicológico e a sociedade como integrados, sem dicotomia, além disso, adota a visão de que o indivíduo está em constante processo dialético com o meio e que esse indivíduo é o principal meio que manifesta o fenômeno psicológico através do seu corpo biológico (BOCK, 2001).

Além disso, esta pesquisa se baseia na visão de sociedade proposta por Berger e Luckman (1976) e na “sociologia do conhecimento” que tem como objetivo esclarecer melhor como se dá o processo de socialização. Ademais, em complemento de Berger e Luckman, a perspectiva de Sousa e Brandao (2008) compreendem como esse processo de socialização se dá dentro de uma sociedade que é constituída por sujeitos pós-modernos. Isto posto, é diante deste contexto que será trabalhado o estudo sobre a adolescência e ansiedade.

A adolescência não é concebida nesta pesquisa como um período natural, mas sim como um momento transicional que foi construído e está em constante processo de mudança (BERNI; ROSO, 2014). Ademais, nesta pesquisa a ansiedade é concebida como um sintoma fisiológico natural frente à uma ameaça, no entanto, essa ansiedade pode se tornar patológica caso ela seja desproporcional de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido (BATISTA; SISTO, 2005); (CASTILLO et al., 2000).

Para realizar esta pesquisa será adotado como método a revisão integrativa de literatura na qual busca coletar estudos e informações a fim de analisar de maneira crítica os resultados, para então, poder fornecer uma síntese de material científico de

determinada temática para profissionais interessados, bem como indicar temáticas para futuras pesquisas (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A ansiedade pode ser vivenciada de diversas formas e intensidades, pois é uma reação fisiológica natural frente a um perigo que ameaça a existência humana (BATISTA; SISTO, 2005). No entanto, ela também pode ser vivenciada de maneira patológica, na qual a reação do indivíduo é superior e desproporcional em relação ao estímulo desencadeante, além de causar sofrimento para o indivíduo e para aqueles que fazem parte do seu convívio diário (CASTILLO et al., 2000). Quando essa ansiedade é sentida por um adolescente, isso pode ser ainda mais desafiador, pois nessa fase, de acordo com Alves (1997), o indivíduo está vivenciando uma busca constante de se conhecer e entender quais papéis ele já assumiu e assume, para então, identificar quais papéis ele deseja desempenhar. Por existir essa busca por parte do adolescente, os autores Berni e Roso (2014) rompem com a visão da adolescência como um período natural e adotam uma perspectiva de que essa fase é um processo transicional, no qual traz para o indivíduo a possibilidade de “vir-a-ser”. Dito isso, questiona-se: Como os estudos em Psicologia abordam e compreendem a ansiedade e adolescência?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar como a Psicologia tem abordado a questão da ansiedade e da adolescência.

1.2.2 Objetivos específicos

- Realizar uma análise bibliométrica das características das pesquisas feitas na área da Psicologia que relacionam a ansiedade com adolescência quanto ao título, ano de publicação, revista de publicação, autores, objetivos, amostra, principais resultados e conclusões;
- Identificar a abordagem adotada em relação a adolescência e ansiedade;
- Identificar as principais influências da ansiedade na adolescência e da adolescência na ansiedade.

1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A adolescência, de acordo com a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) e com a OMS (Organização Mundial da Saúde), começa aos 10 anos completos e perdura até os 19 anos e 11 meses, além disso, de acordo com essas organizações metade das condições de saúde mental começam aos 14 anos de idade, porém, na maioria das vezes não há diagnóstico e nem tratamento (BRASIL, 2018).

Ademais, dados de World Health Organization (2017) apontam que o índice de ansiedade do Brasil é um dos maiores do mundo, sendo que 9,3% da população apresentam esse quadro, ou seja, 18.657.943 dos brasileiros. No entanto, a partir da ferramenta Global Health Data Exchange (GHDx) do Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME, 2017) da Universidade de Washington a incidência de Transtornos de Ansiedade no Brasil em 2017 na faixa etária de 10 a 14 anos de ambos os sexos foi de 164.873,73 e na faixa etária de 15 a 19 anos a incidência foi de 157.766,74, sendo que a incidência no sexo masculino foram de 69.642,68 (10-14 anos) e 68.533,72 (15-19 anos) e no sexo feminino de 95.231,05 (10-14 anos) e 89.233,02 (15-19 anos). Portanto, de acordo com os dados, a incidência de Transtorno de Ansiedade na faixa etária de 10 a 19 anos no Brasil no ano de 2017 foi equivalente a 16% da população, sendo que a incidência tende a diminuir dos 10-14 anos para 15-19 anos em ambos os sexos e as mulheres tendem a ter uma maior incidência de Transtornos de Ansiedade.

Além disso, a adolescência é um momento caracterizado por uma busca constante de se encontrar, de se conhecer e de recriar a concepção de si mesmo além de possuir peculiaridades em que o indivíduo se sente muitas vezes perdido em busca de sua identidade, sendo este um processo em constante de mudança (ALVES, 1997). Por isto, falar sobre os sentimentos de ansiedade nessa fase se torna crucial para a compreensão mais ampla e profunda desse adolescente que muitas vezes se sente vulnerável e desamparado. Além de ser preciso abordar as condições de saúde mental desses adolescentes, para que estes possam transitar para a idade adulta de forma saudável.

Sendo assim, o intuito desta pesquisa é fornecer embasamentos a partir de uma revisão integrativa de literatura sobre a ansiedade vivenciada pelo adolescente na sociedade moderna. Para assim, poder contribuir com profissionais e indivíduos

interessados nessa área, além de enfatizar a importância de assistir aos adolescentes que sofrem com ansiedade, para que, possamos implementar medidas de atenção e proteção a estes jovens.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente estudo possui uma organização que busca ser mais didático e compreensível para o leitor, além de ser uma forma mais adequada para a busca de dados analisados. No primeiro capítulo está a introdução do tema que foi pesquisado e contém a apresentação, o problema de pesquisa, os objetivos estipulados para a pesquisa, a relevância desse estudo e a organização do trabalho.

Já no segundo capítulo contém a apresentação da revisão de literatura que embasa esta pesquisa de acordo com a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. Logo após são explorados como ocorre o processo de socialização, posteriormente a visão sobre a adolescência e as concepções sobre a ansiedade.

O método está apresentado no terceiro capítulo no qual possui a explanação do tipo de pesquisa escolhido além do delineamento empregado juntamente com as descrições das etapas desta pesquisa.

No quarto capítulo são apresentados os resultados e discussões que são compostos pela caracterização da pesquisa, aspectos formais, aspectos de conteúdo, discussão temática dos principais resultados e análise global.

Por fim, no quinto e último capítulo será exposto as considerações finais desta pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura busca exemplificar os conceitos que serão necessários para a compreensão desse projeto, dito isso, serão expostos os embasamentos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica a partir da visão de Bock (2001), depois serão explorados como se dão os processos de socialização, em seguida a visão sobre a adolescência e por fim, as concepções sobre a ansiedade.

2.1 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

A Psicologia Sócio-Histórica tem a sua base nos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1896/1934 apud BOCK, 2001) que tem como característica a dialética para superar as teorias consideradas “reducionistas”. Por isso, a Psicologia Sócio-Histórica possui embasamento no marxismo e no materialismo histórico e dialético que dão base para que seja uma teoria crítica. Esse campo teórico, de acordo com Bock (2001, p. 17):

“Concebe o homem como ativo, social e histórico. A sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas ideias. E a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano”.

É devido a essa concepção de homem, sociedade, de realidade e da história que se critica a visão do fenômeno psicológico da Psicologia como descolado da realidade e do próprio indivíduo, além de considerar que o meio social e cultural é algo externo ao homem, sendo que ele dificulta o desenvolvimento do mundo interno dos seres humanos. Porém, na visão da Psicologia Sócio-Histórica o fenômeno psicológico se desenvolve com o tempo, não sendo próprio da Natureza Humana, não preexiste ao homem e ele é o reflexo da “condição social, econômica e cultural em que vivem os homens” (BOCK, 2001, p. 22). Portanto, de acordo com Bock (2001), o homem opera, constrói e transforma o mundo e este auxilia na construção psíquica do homem, por isso o fenômeno psicológico, para essa perspectiva, não é descolado da sociedade, pois não existe dicotomia entre objetividade e subjetividade e para entender “mundo interno” é preciso entender “mundo externo”.

Dito isso, a Psicologia Sócio-Histórica compreende que o indivíduo está em constante processo dialético com o mundo social e por isso, essa perspectiva é crítica às abordagens que descola a realidade social e cultural que constroem o fenômeno

psicológico. Pois como todo fenômeno, ele não é capaz de produzir movimento e por isso precisa estabelecer uma relação com o mundo social e material para então desenvolver as capacidades do indivíduo, para que este, como possuidor de um corpo biológico manifeste o fenômeno psicológico (BOCK, 2001).

Esse campo teórico da Sócio-Histórica, de acordo com Bock (2001), adota um ponto de vista crítico à Psicologia que há anos responsabiliza o indivíduo por seus fracassos ou sucessos; que defende que os tipos de qualidade de vida determinam as potencialidades que serão desenvolvidas; que classifica seres humanos como anormais ou normais com base nos padrões de vida da elite, sendo que o anormal é visto como diferente e fora do padrão; e que reforça padrões de conduta a serem seguidos para o bem-estar social. A produção que a Psicologia tem feito:

“Não tem sido capaz de, ao falar do fenômeno psicológico, falar de vida, das condições econômicas, sociais e culturais nas quais se inserem os homens. A Psicologia tem, ao contrário, contribuído significativamente para ocultar essas condições” (BOCK, 2001, p. 25).

É contra isto que a Psicologia Sócio-Histórica adota a sua concepção de homem, sendo que esse homem não está descolado da realidade social, econômica e cultural.

Ademais, a Sócio-Histórica possui uma visão crítica por também “romper com uma tradição classificatória e estigmatizadora da ciência e da profissão” (BOCK, 2001, p. 26) e por superar a neutralidade da Psicologia que tem naturalizado o social e o desenvolvimento, além de ter ocultado os antecedentes sociais das diferenças e estabelecido padrões de normalidade que faz com que as diferenças individuais, que é um fenômeno natural, comece a ser alvo de desigualdades sociais, classificando e estigmatizando assim os indivíduos. Porém, para a Psicologia Sócio-Histórica o desenvolvimento do homem é sempre possível pois os indivíduos fazem parte de uma sociedade na qual suas condições direcionam para o desenvolvimento humano e o diferente é apenas o que não é provável devido à uma diversidade de possibilidades que puderam afetar no desenvolvimento comum, como por exemplo, a falta de acesso às condições básicas de vida, ou o aproveitamento das condições por parte da criança foi limitado, ou as condições de aprendizagem foram permeadas por emoções e conflitos (BOCK, 2001).

Segundo Bock (2001), outro fator que justifica a perspectiva crítica da Psicologia Sócio-Histórica é devido ao fato dela superar o positivismo e o idealismo que definem a Psicologia como ciência e adotar para a sua perspectiva o materialismo

histórico e dialético como método. Na visão positivista, é possível se fazer pesquisa sem envolver interesses e valores sociais, essa visão isola o fenômeno psicológico e o torna como natural e abstrato. Além disso, o positivismo tornou-se idealista, pois de acordo com a visão do idealismo, a realidade externa é concebida “como algo que só pode ser conhecido a partir do modo como é formulado e organizado pelas ideias, e não tal como é em si mesma” (BOCK, 2001, p. 32). No entanto, a Psicologia precisou adotar essa visão para conseguir ser considerada como ciência, porém, hoje, podemos adotar uma visão crítica e uma metodologia que enxerga o movimento da realidade e como os fenômenos se constituem nesse movimento (BOCK, 2001).

Por isto, a perspectiva materialista histórica e dialética supera o positivismo e o idealismo ao propor uma metodologia que passa a:

“Examinar objetos, buscando entendê-los na sua totalidade concreta na qual as partes estão em interação, permitindo que o fenômeno se constitua como tal; acompanhar o movimento e a transformação contínua dos fenômenos; entender que a mudança dos fenômenos é qualitativa e se dá por acúmulo de elementos quantitativos que se convertem em qualidade, alterando o fenômeno; entender que o movimento e a transformação das coisas se dão porque no próprio interior delas coexistem forças opostas. A contradição existente em todos os objetos é a força de seu movimento de transformação. É na relação desse objeto com o mundo que o cerca que os elementos contraditórios se constituem” (BOCK, 2001, p. 34).

Por fim, é com base na visão de homem e de sociedade da Psicologia Sócio-Histórica que esse trabalho se fundamenta, pois, a partir dessa perspectiva, é possível compreender os fenômenos psicológicos da adolescência e da ansiedade. Além disso, essa perspectiva adota uma visão crítica que possibilita a identificação e a análise dos limites teóricos de outras perspectivas.

2.2 PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

Para entender os processos e fases de transição da adolescência, é preciso que fique claro que esta pesquisa parte da visão de processo de socialização proposto por Berger e Luckman (1976) e na “sociologia do conhecimento” que tem como papel analisar a “realidade construída socialmente” (BERGER; LUCKMAN, 1976, p. 11) e por isso, se preocupa com todos os conhecimentos de uma sociedade e a forma com que esse conhecimento é desenvolvido, transmitido e mantido.

É imprescindível que se esclareça dois conceitos fundamentais para a obra dos autores, que são o de “realidade” e de “conhecimento”. Para os autores, a “realidade” é aquela que possui características de fenômenos que reconhecemos a sua

existência, independentemente do nosso desejo e “conhecimento”, é aquilo que o indivíduo tem certeza que é real e que possui particularidades específicas (BERGER; LUCKMAN, 1976).

Portanto, para Berger e Luckman (1976) como o indivíduo é um componente fundamental da sociedade, ele próprio é capaz de construir seu conhecimento da realidade que está inserido, ou seja, a realidade e o conhecimento que a sociedade possui é um produto dela mesma e por isso tem a capacidade de influenciar a realidade e ser influenciada por ela.

Além disso, hoje vivemos em uma sociedade que é construída por sujeitos pós-modernos, dinâmicos, complexos e em constante metamorfose, dessa forma, o processo de identidade desses indivíduos que constituem essa sociedade possuem características semelhantes, pois essa identidade vai ser também constituída por um processo dinâmico e articulado, permanecendo assim sempre aberta, fragmentada e inacabada (SOUSA; BRANDAO, 2008).

A partir dessa perspectiva, se tornam coerentes os relatos cotidianos de adolescentes que se percebem ansiosos, pois se sentem ameaçados frente as diversas alterações que estão vivenciando e que ainda vão vivenciar. Por isso, é de extrema importância que existam estudos que possam auxiliar na capacitação de profissionais a fim de contribuir com os adolescentes que estão passando por esse momento de vida (BRITO, 2011).

2.3 ADOLESCÊNCIA

A adolescência como hoje é conhecida, nem sempre existiu, pois de acordo com Clímaco (1991 apud BOCK, 2007), o surgimento do que chamamos hoje de adolescência se deu na sociedade moderna em um momento histórico que foi marcado por diversas mudanças devido às reformas industriais no ambiente de trabalho. A tecnologia inovou tantos os processos como as exigências direcionadas aos funcionários, sendo que esses agora precisariam ter mais tempo de formação escolar. Além disso, o desemprego na sociedade capitalista resultou na demora do ingresso dos jovens no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que a ciência criando ferramentas para que aumentasse a expectativa de vida. Como resultado desses processos, os jovens passaram a ficar mais tempo sob a tutela dos pais, além de ficarem mais tempo na escola. Ao passo que os jovens começaram a passar mais

tempo na escola, eles começaram também a se aproximar de um grupo de iguais, surgindo assim o que hoje chamamos de adolescência (CLÍMACO, 1991 apud BOCK, 2007).

Porém, de acordo com Clímaco (1991 apud BOCK, 2007) apesar do jovem ter seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e fisiológico para participar dos grupos dos adultos, ele era proibido pelo fato de ainda não ter ingressado no mercado de trabalho, gerando assim diversas características da adolescência que hoje são conhecidas devido à essa nova condição social, que são “crises de ansiedade; busca de si mesmo; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; atitude rebelde; onipotência e outros” (BOCK, 2007, p. 69). É por isso que de acordo com Bock (2007), o período de moratória não é natural do desenvolvimento da adolescência, mas sim, é um período que foi construído para que os adultos pudessem ficar mais tempo no mercado de trabalho enquanto os jovens se preparassem para o ingresso no mercado.

Visto que a adolescência nem sempre foi desta maneira que conhecemos hoje e sim a concebemos como algo criado ao longo da história, sendo ela um fator social e psicológico que perpassa as relações sociais e possui significados na cultura e na linguagem, em outras palavras, ela não é um período natural do desenvolvimento humano, mas sim um momento que possui significados e interpretações singulares dependendo de que contexto social, econômico e histórico ela está inserida (OZELLA, 2002 apud SOUSA; BRANDAO, 2008)

Porém, essa é uma concepção Sócio-Histórica da adolescência, que de acordo com Bock (2007), busca superar as percepções naturalizantes que considera essa fase como um período natural e universal do desenvolvimento, caracterizada negativamente por ser uma fase difícil, cheia de conflitos, problemática que é desencadeada pela liberação de hormônios que leva o jovem ao amadurecimento físico e sexual. No entanto, segundo Santos (1996 apud BOCK, 2007), estudos na área de Psicologia sobre adolescência são fundamentados em um único tipo de adolescente que é “homem-branco-burguês-racional-ocidental” (SANTOS, 1996 apud BOCK, 2007, p. 66) e por essa fase ser considerada, na visão naturalizada, como universal, não se torna necessário buscar outros jovens para realizar estudos.

Assim sendo, nesta pesquisa, como já foi dito, a perspectiva adotada é a Sócio-Histórica, na qual tem fundamentos no marxismo e compreende que o sujeito se

desenvolve a partir das suas relações sociais e culturais. Segundo Bock (2007, p. 67) essa concepção vê o Homem:

“Como um ser histórico, isto é, um ser constituído no seu movimento e ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade. Um ser que tem características forjadas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações, imerso nas relações e na cultura das quais retira suas possibilidades de ser e suas impossibilidades. Um homem que está situado no tempo histórico e que terá sua constituição psíquica determinada por essa condição. A relação indivíduo/sociedade é vista como uma relação dialética, na qual um constitui o outro. O homem se constrói ao construir sua realidade. A sociedade passa a ser imprescindível para a compreensão da forma de se apresentar do homem; do humano. Não se pode conhecer o humano se não for pela sua relação com as formas de vida e as relações sociais. O próprio fenômeno psicológico é histórico, permitindo que se entenda o que está aí como padrão, como algo mutável, resultante de um determinado padrão de relações e de critérios dominantes que respondem a interesses sociais de imposição de uma determinada visão de saúde”.

Dito isso, a adolescência nessa concepção é entendida “como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno” (BOCK, 2007, p. 67) rompendo assim a crença de que essa fase da vida é natural.

No entanto, do ponto de vista do desenvolvimento, a adolescência é um período que é permeado de potencialidades para o crescimento físico, cognitivo e psicológico do indivíduo, no entanto, também é um período em que é cheio de oportunidades para o desenvolvimento de comportamentos de riscos no que se refere as drogas, relações sexuais e agressividade. Além disso, sob a ótica do desenvolvimento físico, é na adolescência em que a puberdade é desencadeada devido a diversas alterações hormonais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A puberdade perdura por aproximadamente quatro anos e tem a tendência de começar primeiro no sexo feminino, o que determina o fim da puberdade é a capacidade de o jovem ter a capacidade da reprodução, no entanto, fatores externos podem influenciar esses eventos. Esse período é marcado por dois momentos, o momento do estímulo inicial das glândulas adrenais e um segundo momento que é marcado pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Como o cérebro dos adolescentes processam as informações emocionais pela amígdala e os adultos processam pelo lobo frontal, é compreensível que os jovens tendem a fazer julgamentos menos precisos e racionais, bem como ter uma impulsividade e uma tendência à dependência superior devido ao insuficiente desenvolvimento do seu sistema cortical frontal (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Quanto ao desenvolvimento cognitivo do adolescente, segundo Piaget (1999), a partir dos 11/12 anos o adolescente vai exceder o pensamento concreto e aderir o pensamento operatório-formal, ou seja, essa sua nova conquista o capacitará para “construir a seu modo as reflexões e teorias” (p. 60) podendo assim, se reinventar e conhecer a si mesmo por meio do seu raciocínio “hipotético-dedutivo”. Além disso, o autoconceito desse indivíduo irá ampliar à medida que ele vai incorporando as percepções que os outros tem dele e vai se apropriando dos valores que criam o ambiente social.

2.4 PROCESSO DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA

A identidade, de acordo com Ciampa, Alves e Almeida (2017) é entendida como uma totalidade contraditória, múltipla e que está em constante modificação, ela não é estática, descritiva, essencialista e está entrelaçada com a realidade sócio histórica, no entanto, o indivíduo que está nesse processo identitário busca autonomia e emancipação. Em outras palavras, para Ciampa (1984), a identidade da sociedade reflete nos indivíduos e a identidade dos indivíduos reflete na sociedade, por isso há uma autoria coletiva na história de cada indivíduo. Nesse processo, o ser humano vai se igualando e se diferenciando com vários grupos que ele vai fazendo parte e por isso, para Ciampa (1984), o reconhecimento deste indivíduo é dado pelo reconhecimento recíproco dos outros indivíduos identificados em um meio que existe na sua objetividade e que possui história, tradição, normas e interesses.

De acordo com Ciampa (1997), a pergunta “quem sou eu?” representa a identidade, sendo que essa identidade é considerada como um fenômeno social e não natural e entendida como o próprio processo de identificação. Essa pergunta se torna ainda mais frequente no período da adolescência, pois se trata de um processo pelo qual, de acordo com Alves (1997), o indivíduo internaliza papéis sociais assumidos e desempenhados até então e busca se recriar, se conhecer e entender o que ele foi e o que deseja ser, sendo a adolescência um período de oscilação entre o eu infantil e o eu adulto.

A adolescência é um período em que a questão central do indivíduo é buscar a sua identidade, sendo que possui temáticas como: ocupação, sexualidade e valores. De acordo com Erikson (1950 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013) é na adolescência em que o indivíduo terá que enfrentar a crise de identidade *versus* a confusão de

identidade “de modo a tornar-se um adulto singular com uma percepção coerente do *self* e com um papel valorizado na sociedade” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 422).

Sendo o *self* formado por “metas, valores e crenças com os quais a pessoa está solidamente comprometida” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 422), quando esse *self* possui uma ideia sólida e coerente, pode-se dizer que o indivíduo possui uma identidade. No entanto, é no quinto estágio do desenvolvimento psissocial de Erickson que o adolescente irá procurar ampliar sua percepção de *self*, bem como irá incluir o papel que ele irá precisar atuar na sociedade, gerando assim uma confusão de identidade *versus* confusão de papel (ERIKSON 1950 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A adolescência é um processo transicional, é ser/estar adolescente, é “metamorfose ambulante”, que de acordo com Berni e Roso (2014, p. 132) a adolescência é: “devir – termo que traz a possibilidade de via-a-ser, tornar-se, transformar-se, metamorfosear-se”. No entanto, a adolescência possui marcas do desenvolvimento físico que são significadas socialmente e historicamente, podendo cada marca possuir diferentes significados de acordo com a cultura e com o período histórico. Assim sendo, é a partir desses significados sociais que os adolescentes obtêm suas referências para a construção da sua identidade (BOCK, 2007).

Além disso, por ser uma fase de vida que pode possuir diferentes significados e interpretações de acordo com o contexto que está inserido, a adolescência também é um momento que é marcado por diversas mudanças e segundo Bretas et al. (2008) essa transição de ciclo de vida, como todos os momentos de transição, tem como característica rituais ou “ritos de passagem”, sendo que esses ritos possuem cerimônias que são marcantes para o ciclo. Esse ritual pode ser marcado pela mudança de linguagem, de expressão, de valores sociais, religiosos, políticos ou econômicos. E de acordo com essa perspectiva, o processo de adolescer é um período intenso vivenciados pelos jovens e que são marcados pelas mudanças na vida física, social e psicológica. Nessa fase, a criança “morre” para que possa ocorrer o nascimento do adulto e com isso, há importantes mudanças na identidade e no papel social exercido. Essa alternância de fase pode muitas vezes ser marcado por “negação, fuga, revolta, depressão, elaboração, aceitação, timidez, apatia, urgência, conflitos afetivos, crises religiosas e erotismo exacerbado” (ABERASTURY, 1981 apud BRETAS et al., 2008, p. 405).

Na adolescência, o primeiro período do ritual é quando o indivíduo se prepara para a criação e o desenvolvimento da sua identidade e então, inicia um segundo período de perdas que são marcados pelos lutos, que podem ser um:

“luto pela perda do corpo infantil e aceitação das transformações corporais- controle dos impulsos da sexualidade; perda bissexualidade infantil; luto pela perda dos pais da infância; transição da dependência infantil para a independência adulta e busca da identificação fora do âmbito familiar o que é necessário para o processo de socialização; luto pela perda da identidade e do papel infantil, dificuldade de definir-se como criança ou como adulto, buscando apoio do grupo em que está inserido” (ABERASTURY, 1981 apud BRETAS et al., 2008, p. 405).

Já no terceiro período do ritual o adolescente volta para a sua vida normal do seu cotidiano, deixa de vivenciar uma identidade provisória, os aspectos da fase do luto e então assume um papel novo na sociedade.

A partir de uma outra perspectiva, Habermas também formula fases de formação de identidade que será exposta a seguir com o intuito de ampliar a visão da formação identitária do adolescente, pois ao invés do autor entender esses momentos de transição como “rituais”, Habermas (1983 apud ALVES, 1997) divide os estágios de desenvolvimento em identidade, sendo elas a “identidade natural”, “identidade de papel” e “identidade do eu”. De acordo com ele, o primeiro tipo de desenvolvimento, o natural, ocorre quando a criança deixa de sentir que ela e o mundo vivem em uma simbiose e adere o pensamento pré-operacional, porém, nesse período, ela ainda não consegue diferenciar o que é físico e o que é social. No segundo nível de desenvolvimento, a criança já adere o pensamento concreto operacional e consegue integrar alguns papéis simbólicos fundamentais em seu cotidiano, nesse nível, a criança começa a distribuir papéis para as identidades. Já quando a criança adere o pensamento formal, aqueles que ela atribuiu papéis diversos se tornam pessoas com suas próprias identidades e autônomas de papéis concretos e normativos. Desta forma, a criança consegue distinguir as normas e os princípios que embasaram a criação das normas e assim, consegue ter o poder de julgamento segundo seus próprios princípios (HABERMAS, 1983 apud ALVES, 1997).

2.5 ANSIEDADE

Segundo May (1980 apud BATISTA; OLIVEIRA, 2005) a ansiedade gera no indivíduo um sentimento de impotência devido ao conflito sentido entre ele e o

ambiente, sendo que esse ambiente ameaça sua existência e seus valores essenciais. Por isso, a ansiedade se torna um sentimento frequente, sendo ela, de acordo com Castillo et al. (2000) uma sensação de vazio desagradável de medo que surge como uma antecipação de alguma situação de perigo. Essa ansiedade, de acordo com a autora, pode ser identificada como patológica quando se é apresentada de maneira exagerada, desproporcional em relação ao fator desencadeante, fora da norma para aquela idade e quando os sintomas prejudicam a qualidade de vida do indivíduo.

De acordo com o DSM-V, a categoria de Transtornos de Ansiedade possuem transtornos psiquiátricos que tem em comum o medo e ansiedade sentidos de maneira exacerbada pelo indivíduo, sendo o medo uma resposta emocional frente a uma advertência iminente que é real ou percebida que faz com que o indivíduo tenha pensamentos de fuga ou luta, ao passo que a ansiedade é uma antecipação de uma advertência futura que está ligada a sensações de tensão muscular, atenção e preparação para o perigo que está por vir, fazendo com que o indivíduo adote ou comportamentos de cuidado ou de esquiva (APA, 2013).

Na categoria dos Transtornos de Ansiedade do DSM-V, um conceito importante é o do ataque de pânico, sendo que ele é um tipo de resposta ao medo. Embora o ataque de pânico seja uma característica essencial do Transtorno de Pânico, ele não está limitado apenas a esse transtorno, podendo também estar presentes em outros. Essas crises tendem a ser intensas, ter uma duração curta, ser acompanhadas por sintomas físicos e de um medo da morte, de perder o controle, entre outros (APA, 2013).

A diferença entre os Transtornos de Ansiedade se dá “nos tipos de objetos ou situações que induzem medo, ansiedade ou comportamento de esquiva e na ideação cognitiva associada” (APA, 2013, p. 189). Por exemplo, na Fobia Específica, o objeto que desencadeia ansiedade e medo pode ser um animal em particular, já o Transtorno de Estresse Pós-Traumático o estímulo desencadeante está ligado com um fator do passado da história pessoal do indivíduo. No entanto, como os Transtornos de Ansiedade possuem a tendência de serem apresentados com comorbidades entre eles, é importante avaliar os pensamentos e as crenças que estão ligadas às situações desencadeantes (APA, 2013).

Para que se obtenha um diagnóstico de Transtorno de Ansiedade, é preciso ser avaliado por um clínico a fim de verificar a frequência dos sintomas e se a

ansiedade e o medo estão desproporcionais, considerando sempre o contexto cultural que o indivíduo está inserido. Além disso, para obter um diagnóstico, é preciso que o indivíduo avaliado não esteja apresentando esses sintomas como consequência de algum efeito de substância ou outra condição médica.

Os Transtornos de Ansiedade é uma categoria do DSM-V que é subdividida em diversos transtornos psiquiátricos, sendo eles: Transtorno de Ansiedade de Separação, Mutismo Seletivo, Fobia Específica, Transtorno de Ansiedade Social (Fobia Social), Transtorno de Pânico, Agorafobia, Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno de Ansiedade induzido por substância/medicamento, Transtorno de Ansiedade devido a outra condição médica, outro Transtorno de Ansiedade Especificado, Transtorno de Ansiedade Não Especificado (APA, 2013).

Como já exposto, a adolescência é um período de transformações no qual há diversas alterações hormonais e morfológicas que trazem com emergência as novas capacidades de expressão, pensamentos e sentimentos. Essas profundas transformações vivenciadas provocam no adolescente um sentimento de inquietude e estranheza em relação a si mesmo. As atividades de lazer que ele costumava fazer antes e que tinha prazer, começam a ficar de lado. Ele se sente desajeitado, não sente que tem controle sobre o seu corpo e sobre sua sexualidade. O adolescente então, começa a se tornar crítico, rebelde às contrariedades e se afasta (BRITO, 2011).

Em uma pesquisa sobre medo e ansiedade na adolescência, Serra e cols. (1980 apud BATISTA; OLIVEIRA, 2005) chegaram à conclusão que os medos dos adolescentes são relacionados a ameaças ou perigos que são subjetivos, devido à essa constatação, os autores atribuíram essa conclusão à crise de identidade. Já a ansiedade, os autores verificaram que as categorias mais frequentes estão relacionadas à “solidão, ao desconhecido, à rejeição e ao futuro” (BATISTA; OLIVEIRA, 2005, p. 45).

Na pesquisa que foi realizada por Batista e Oliveira (2005), os autores citam alguns trabalhos que apontam que as meninas se mostraram mais ansiosas que os meninos no que diz respeito a ansiedade em geral, escolar e em situações de avaliações, principalmente por discordarem dos pais, além disso, os autores mostram que altos graus de ansiedade podem fazer os adolescentes a ficarem mais propensões a tentativas de suicídio. Por outro lado, os autores explicitam que os meninos se sentem mais ansiosos no que diz respeito a “estabelecer a independência

de seus pais e, cada vez mais, transferem o apego emocional destes para o processo de individuação” (p. 46). Por fim, os autores explicam que essas diferenças entre os gêneros podem estar ligadas ao fato das meninas terem uma “maior necessidade de aprovação social” (p. 46), além do fato do gênero feminino estar mais em contato com as regras sociais aprendidas em relação a dedicação à família, dupla jornada de trabalho, maternidade e casamento, já o gênero masculino por ter dificuldade em admitir seus anseios comparado as meninas.

De um outro ponto de vista, o adolescente que se sente ansioso pode estar assim pois está vivenciando ameaças pelas diversas alterações que está sentindo e que vai sentir, como por exemplo, alterações:

“No seu corpo, que não controla, na relação com os pais, em que os conflitos de dependência/autonomia são constantes, nos receios que sente em relação às suas competências sociais, escolares e na relação com os pares” (BRITO, 2011, p. 208).

Em consequência disso, de acordo com Brito (2011), a ansiedade pode intervir na escola, comprometer as relações interpessoais, acentuar os conflitos familiares e levar o adolescente a potencializar o seu isolamento. Além disso, pode ter comportamentos de risco, como o consumo excessivo de álcool e drogas ou ter um comportamento impulsivo no âmbito sexual como tentativas para amenizar o seu medo.

Por isso, como já exposto, a adolescência, o processo de identidade e a ansiedade estão todos correlacionados e por esse motivo, é de extrema importância a compreensão desses processos e sentimentos desencadeados para que profissionais capacitados atuem de maneira a auxiliar indivíduos que estão passando por esse processo.

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa adotado foi a pesquisa descritiva, bibliográfica voltada à Revisão Integrativa. Esta pesquisa tem como foco o fenômeno da ansiedade na população adolescente que se enquadra na pesquisa descritiva, pois de acordo com Gil (2017) “tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (p. 26). Além disso, esta pesquisa objetivou realizar uma revisão bibliográfica em bases de dados *online*.

O método de revisão integrativa de literatura é apoiado na Prática Baseada em Evidências (PBE) que busca solucionar problemas e incentivar a utilização dos resultados das pesquisas na prática da atuação profissional e tem como foco o agrupamento e a sintetização dos resultados das pesquisas de um tema específico, esse tipo de método auxilia no aprofundamento do tema investigado e fornece ferramentas para que profissionais da área encontrem em uma pesquisa diversos estudos publicados de maneira sistemática e organizada (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Além disso, a revisão integrativa tem a possibilidade de apontar lacunas sobre um conhecimento e possíveis temas para futuras pesquisas devido ao seu potencial de produção de conhecimento e síntese de um tema, sendo assim, fundamental para que torne os resultados de pesquisas já realizadas acessíveis para profissionais interessados na área (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Em suma, a revisão integrativa é uma ferramenta poderosa para a área da saúde, pois busca estudos para coleta de informações e os analisa de forma crítica com a finalidade de condensar essas pesquisas disponíveis sobre determinado assunto e orienta a atuação clínica embasando-se em conhecimentos científicos (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

3.2 DELINEAMENTO EMPREGADO

Visto que a revisão integrativa possui métodos e instrumentos para realizar uma pesquisa aprofundada, ela também se torna adequada para pesquisar os sintomas de ansiedade na adolescência no campo da Psicologia, pois esse tipo de pesquisa sobre esse tema permitiria uma síntese de evidências já produzidas na área e auxiliaria

profissionais na área se aprofundarem no assunto e a se engajarem a fazer mais pesquisas sobre essa temática.

3.2.1 Seleção do tema e hipótese

De acordo com Mendes Silveira e Galvão (2008) o que norteia e dá início à pesquisa é a definição do tema e da hipótese. O tema selecionado envolve a ansiedade e a adolescência na qual a pesquisadora possui interesse em estabelecer relações, tendo como hipótese que a Psicologia tem estudado a adolescência e a ansiedade de maneira deslocada da sociedade.

3.2.2 Estabelecimento de critério dos dados

De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010) a busca bibliográfica na base de dados precisa ser vasta e variada, para assim, coletar o maior número possível de amostragem sobre o assunto delimitado, no entanto, para isso, é necessário selecionar locais em que essas buscas serão feitas. Nesta pesquisa, optou-se pelo uso de bases de dados *online* como SCIELO (*The Scientific Eletronic Library Online*), PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), LILACS (*Latin American and Caribbean Health Science Literature*), BIREME/BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e a revista virtual Psicologia & Sociedade da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social). Essas bases foram escolhidas devido seu caráter confiável em publicação de pesquisas na área da saúde.

Além disso, é necessário definir os critérios de amostragem adotados para a pesquisa, pois esses critérios “precisam garantir a representatividade da amostra, sendo importantes indicadores da confiabilidade e da fidedignidade dos resultados” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p.104). Definiu-se então três descritores para a busca das amostras, sendo eles: “adolescente”, “ansiedade” e “psicologia”. Dessa forma, o primeiro critério de busca foram esses três descritores, sem delimitar ano de publicação.

Posteriormente, outro critério adotado foi a leitura do título e dos resumos dos artigos para buscar incluir e excluir amostras a partir da relação ou não dessas amostras com os objetivos escolhidos para esse estudo. Além disso, outro critério adotado foi o critério de delimitação de faixa etária de 10 a 19 anos. A delimitação dessa faixa etária é devido a diferentes critérios para delimitar a adolescência, pois de acordo com o OMS (Organização Mundial da Saúde) a adolescência é uma fase que

ocorre entre 10 a 19 anos, já o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) ocorre entre 12 a 18 anos, mas em casos excepcionais é considerado até 21 anos (BRASIL, 1990/2018). Portanto, a delimitação da faixa etária desse estudo busca englobar as duas definições de referência.

Ademais, teve como critério de inclusão apenas artigos disponíveis no idioma português brasileiro, excluindo assim todas as amostras escritas apenas em outros idiomas. Outro critério de inclusão foi o de amostras realizadas na área da Psicologia, baseando-se na exclusão de todas as amostras realizadas exclusivamente por outras áreas fora da Psicologia. Por fim, realizou-se também a exclusão de dissertações, teses, artigos que não estavam disponíveis para leitura *online*, artigos que não atendiam os objetivos desse estudo em seu conteúdo, artigos que não especificaram a faixa etária ou a média da idade da amostra e artigos que estavam duplicados entre as bases que então foram excluídos os duplicados encontrados no LILACS e no BVS.

Com a busca dos descritores “adolescente”, “ansiedade” e “psicologia”, obteve-se na plataforma da SCIELO 12 artigos, no PEPSIC 7 artigos, no LILACS 301, na revista da ABRAPSO 0 e no BVS, depois de selecionar o idioma português, 264, totalizando 584. Ao realizar a filtragem pelos critérios de inclusão e exclusão já citados, restaram 2 artigos no SCIELO, 2 no PEPSIC, 7 no LILACS e 4 no BVS. Obtendo assim **15 artigos** que foram utilizados como amostragem neste estudo e estará apresentado no apêndice desse trabalho.

3.2.3 Definição das informações e categorização dos estudos

De acordo com Mendes Silveira e Galvão (2008), esta etapa baseia-se em definir quais as informações que serão extraídas das amostras e então, organizar um banco de dados que auxilie na união e sintetização das informações necessárias. Para isso, foi construído um arquivo separado para cada uma das bases com tabelas baseadas nas informações encontradas, assim como tabelas com as categorizações das informações como título do artigo, ano de publicação, revista de publicação, autores, objetivos, amostragem do artigo, principais resultados e conclusões. Além disso, buscou sintetizar nesses arquivos se os artigos escolhidos atendiam os objetivos desta pesquisa como: a identificação da abordagem adotada em relação a adolescência e a ansiedade, bem como a identificação das principais influências da ansiedade na adolescência.

3.2.4 Avaliação dos estudos

Esta pesquisa realizou a avaliação dos estudos baseados nos objetivos previamente delimitados a partir da fundamentação teórica da Psicologia Sócio-Histórica, almejando assim resultados que atendam esse delineamento, para assim, ser possível uma análise crítica e imparcial como prevista por Mendes Silveira e Galvão (2008).

3.2.5 Interpretação dos resultados

A partir das informações coletadas, Mendes Silveira e Galvão (2008) sugere que seja realizado a discussão dos resultados a fim de realizar uma comparação crítica com o conhecimento teórico. Para isso, foi realizado uma análise dos resultados, a partir da visão adotada da Psicologia Sócio-Histórica, do banco de dados construído e com base nessas informações, realizou-se conclusões e inferências sobre a relação e as influências da ansiedade vivenciada pelo adolescente.

3.2.6 Síntese do conhecimento

Por fim, realizou-se as discussões dos resultados obtidos a fim de promover maior embasamento e profundidade nos temas explanados, além de apontar possíveis temas a serem explorados em futuras pesquisas. Essa etapa também é imprescindível pois para Mendes Silveira e Galvão (2008) é nessa etapa em que demonstramos os conhecimentos acumulados sobre uma determinada temática.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo será apresentada uma explanação sobre os resultados encontrados nesta pesquisa, bem como as discussões desses resultados. Para isso, o capítulo foi composto por subitens como: caracterização das pesquisas, aspectos formais, aspectos de conteúdo, discussão temática dos principais resultados e análise global.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PESQUISAS

Para uma melhor organização dos artigos utilizados para a revisão de literatura, optou-se pela utilização de quadros resumos com os conteúdos estabelecidos na metodologia desse estudo, como título, autor (es), revista de publicação, ano de publicação, objetivos, amostragem, a visão sobre a adolescência, a visão sobre a ansiedade e principais resultados e conclusões. Esses quadros serão apresentados no apêndice.

4.2 ASPECTOS FORMAIS

Os aspectos formais são constituídos pelas informações de quantidades de artigos encontrados pelas bases de dados, ano de publicação, periódicos de publicação e autores das pesquisas.

Em relação aos resultados dos artigos selecionados nas **bases de dados** a partir dos descritores "adolescente", "ansiedade" e "psicologia", pode-se perceber que a base LILACS (7) apresentou um maior número de artigos, tendo mais que o dobro quando comparada com a SCIELO e a PEPSIC. Em segundo lugar, a base de dados da BVS (4) apresentou o dobro de quantidade de artigos quando se refere a SCIELO e a PEPSIC. Por fim, as bases de dados SCIELO (2) e PEPSIC (2) apresentaram uma menor quantidade de artigos quando comparadas às outras bases.

No entanto, é importante ressaltar que artigos selecionados nas bases da SCIELO que apareceram posteriormente em outras bases foram excluídos. Por exemplo, artigos repetidos da SCIELO foram excluídos da base PEPSIC, assim como os artigos selecionados em ambas tenham sido excluídos da base LILACS, e por fim, artigos selecionados nessas três bases foram excluídos da base BVS. Ademais, embora também tenha se pesquisado na base de dados *online* da ABRAPSO, não foi obtido nenhum resultado com os descritores selecionados para esta pesquisa.

Quadro 1 – Base de dados

BASES DE DADOS	NÚMERO DE ARTIGOS
LILACS	7
BVS	4
SCIELO	2
PEPSIC	2
ABRAPSO	0
Total	15

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao **ano de publicação**, verifica-se que as pesquisas sobre ansiedade e adolescência na Psicologia começaram no ano de 2004, visto que nesta pesquisa não foi determinado ano de publicação. Além disso, percebe-se que o início de produção científica nessa área até os dias atuais se deu em baixa quantidade, pois a quantidade de pesquisas entre 2004 a 2017 variam de um a três artigos publicados por ano, exceto nos anos de 2007, 2010, 2011, 2014, 2015 e 2018 que não apresentaram publicações. No entanto, houve um aumento de 50% de publicações a partir de 2006, com exceção os anos que não obtiveram publicação e os anos de 2008 e 2012 que mantiveram com uma publicação.

Tabela 1– Ano de publicação

ANO	N (nº de estudos)
2004	1
2005	1
2006	2
2008	1
2009	3
2012	1
2013	2
2016	2
2017	2
Total	15

Fonte: Dados da pesquisa

No que diz a respeito aos **periódicos**, houve a predominância de publicação sobre os temas trabalhados de apenas um artigo por revista, com exceção dos periódicos a seguir que apresentaram o dobro de publicação em relação aos outros periódicos: “Aval. psicol.” que aborda temas de avaliação psicológica, “Estud. psicol. (Campinas)” que é um programa de pós-graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas que divulga uma diversidade temas de

produção científica na área da Psicologia, “Estud. psicol. (Natal)” que também é um programa de pós-graduação em Psicologia e Psicobiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e “Rev. bras. ter. comport. cogn.” que é uma revista que publica artigos teóricos ou experimentais da abordagem comportamental e cognitiva na área da Psicologia, Medicina e outras áreas.

Tabela 2 – Periódicos

PERIÓDICOS	N
Aval. psicol.	2
Bol. psicol	1
Ciênc. cogn.	1
Estud. psicol. (Campinas)	2
Estud. psicol. (Natal)	2
J. Pediatr. (Rio J.)	1
Psicol. cienc. prof.	1
Psicol. clin.	1
Psico-USF	1
Rev. bras. ter. comport. cogn.	2
Rev. SBPH	1
Total	15

Fonte: Dados da pesquisa

Das pesquisas publicadas, obteve-se no total 37 **autores** que contribuíram com os temas, sendo que a maioria publicou pelo menos um artigo. No entanto, os autores Dell’Aglio, D. D. e Patias, N. D. publicaram juntos dois artigos e Pereira, M. G. também publicou dois artigos.

Tabela 3 – Autores

AUTOR	N (nº de publicações)
ALMEIDA, J. P.	1
BANDEIRA, D. R.	1
BATISTA, M. A.	1
BORLOTI, E. B.	1
CAMPAGNA, V. N.	1
CARVALHO, M. C. N.	1
CHAVIRA, D. J. F.	1
COSTA, L. S.	1
CUNHA, L. S.	1
CUNHA, M. C. T. C. S. B.	1
CUNHA, M. I. V. A.	1

(continua)

Tabela 3 – Autores (conclusão)

AUTOR	N (nº de publicações)
D'ELL REY, G. J. F.	1
DELL'AGLIO, D. D.	2
FARIA, L. C.	1
FONTOURA, M.	1
GOUVEIA JR, A.	1
HEINE, J. A.	1
HUTZ, C. S.	1
LISBOA, C. S. M.	1
LOOS, H.	1
MACHADO, W. L.	1
MATOS, M. S. A. A.	1
PACINI, C. A	1
PATIAS, N. D.	2
PEREIRA, M. G.	2
PUCCI, S. H. M.	1
REPPOLD, C. T	1
SANCHEZ, C. N. M.	1
SISTO, F. F.	1
SOUZA, A. S. L.	1
WENDT, G. W.	1
WENTZEL, T. R.	1
XAVIER, A. M. J.	1
ZAGALO, S. M.	1
Total	37

Fonte: Dados da pesquisa

4.3 ASPECTOS DE CONTEÚDO

Os aspectos de conteúdo são constituídos pelos objetivos, faixa etária da amostra, visões sobre a adolescência e visões sobre a ansiedade.

Das pesquisas selecionadas, foram identificados seis **objetivos** diferentes, sendo que os estudos que possuíam objetivos semelhantes foram agrupados e denominados como fatores, sendo eles:

- O **fator 1** se refere aos estudos que envolviam escalas de avaliação psicológica como: desenvolver uma escala de ansiedade para adolescentes (BATISTA; SISTO, 2005); validar a escala *Impact of Event Scale-Revised* a partir da de uma amostra de adolescentes (CUNHA et al., 2017); adaptar e validar a escala *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form* (DASS-21) para adolescentes (PATIAS et al., 2016); apresentar

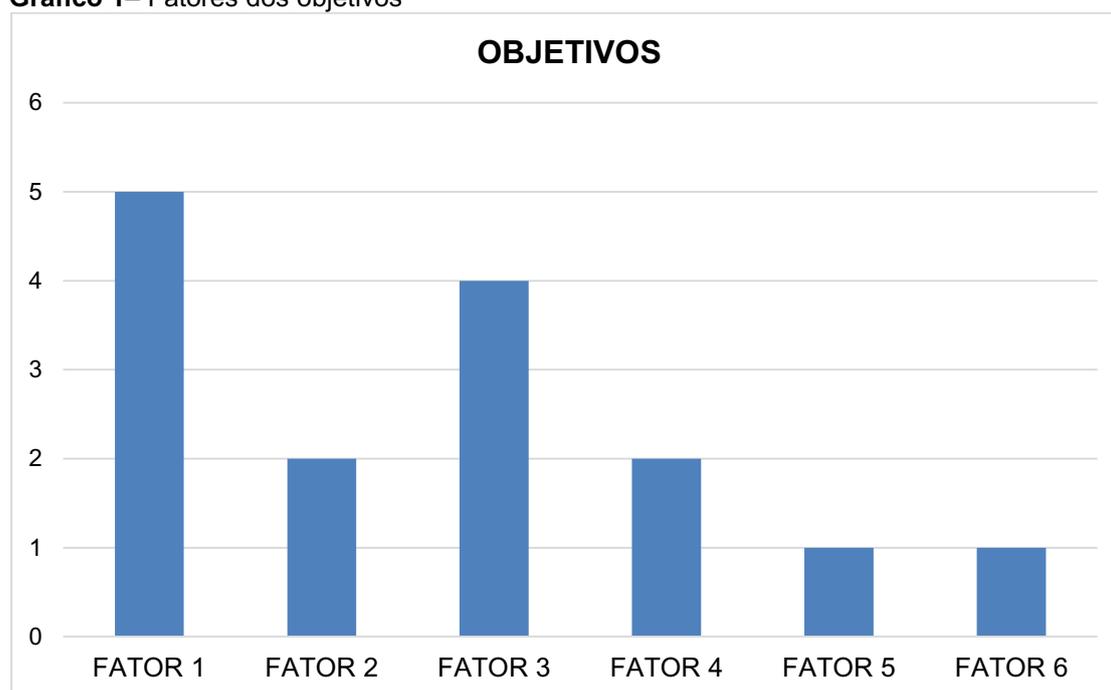
a validade de critério da Escala de Avaliação de Ansiedade para Adolescentes (REPPOLD; HUTZ, 2013); e traduzir a Escala Analógica de Humor para surdos usuários de LIBRAS (SANCHEZ; GOUVEIA JR., 2008).

- O **fator 2** se refere aos estudos que envolviam atendimento psicológico como: conceder atendimento psicológico para adolescentes que cometeram atos infracionais (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009); e descrever os resultados de um caso de consulta psicológica para tomada de decisão vocacional (CUNHA; FARIA, 2009).
- O **fator 3** se refere aos estudos que buscavam uma relação entre os fatores biopsicossociais como: pesquisar as influências dos fatores psicológicos e psicossociais na adesão do tratamento e controlo metabólico (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012); buscar relações entre exposição à violência direta e indireta, bem-estar subjetivo e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes (PATIAS; HEINE; DELL'AGLIO, 2017); analisar o papel mediador da morbidade psicológica na relação entre a sonolência diurna excessiva, qualidade de sono, hábitos de sono e comportamentos de saúde (PUCCI; PEREIRA, 2016); e investigar qual é a imagem corporal de meninas no início da adolescência (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).
- O **fator 4** se refere aos estudos que buscavam uma causalidade entre ansiedade e aprendizagem como: verificar a prevalência da fobia social e seu impacto na repetência escolar em adolescentes (D'EL REY; PACINI; CHAVIRA, 2006); e avaliar o desempenho cognitivo, a qualidade de interação social e a presença e gerenciamento da ansiedade e sua influência na execução da tarefa (LOOS, 2004).
- O **fator 5** se refere ao estudo que busca realizar uma revisão sobre um tema da contemporaneidade como: pesquisar sobre *cyberbullying*, suas características, impactos e desafios (WENDT; LISBOA, 2013).
- Por fim, o **fator 6** se refere ao estudo que busca uma causalidade entre reforçamento e eventos privados como: investigar como as contingências de reforçamento se relacionam com os tactos dos eventos privados do tipo sentir (CUNHA; BORLOTI, 2009).

Quadro 2– Fatores dos objetivos

CÓDIGO DO ESTUDO	FATORES					
	1	2	3	4	5	6
E1	X					
E2	X					
E3		X				
E4			X			
E5	X					
E6			X			
E7			X			
E8	X					
E9			X			
E10				X		
E11				X		
E12					X	
E13						X
E14		X				
E15	X					

Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 1– Fatores dos objetivos

Fonte: Dados da pesquisa

A partir desses dados, o fator 1 teve cerca de 33,4% de prevalência nesta pesquisa, já o fator 2 teve cerca de 26,7%, os fatores 2 e 4 teve cerca de 13,4% e os fatores 5 e 6 apresentaram aproximadamente 6,7% da amostra desta revisão. Dito isso, nota-se que a maior parte das produções científicas têm sido no âmbito das avaliações psicológicas, nas quais têm como objetivo desenvolver, validar e traduzir escalas (BATISTA; SISTO, 2005), (CUNHA et al., 2017), (PATIAS et al., 2016), (REPPOLD; HUTZ, 2013), (SANCHEZ; GOUVEIA JR., 2008).

Logo em seguida, as pesquisas que relacionam os fatores psicológicos, sociais e físicos também têm produzido bastante (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012), (PATIAS; HEINE; DELL'AGLIO, 2017), (PUCCI; PEREIRA, 2016), (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

Já as pesquisas que buscam apresentar os resultados dos atendimentos psicológicos (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009), (CUNHA; FARIA, 2009) e pesquisas que procuram estabelecer causalidade entre ansiedade e aprendizagem têm produzido menos em relação às outras (D'EL REY; PACINI; CHAVIRA, 2006), (LOOS, 2004).

Por fim, com menor índice, estão as produções científicas que buscaram pesquisar sobre temas contemporâneos (WENDT; LISBOA, 2013) e estudos que

buscavam causalidade entre reforçamento e eventos privados (CUNHA; BORLOTI, 2009).

Em relação à **característica da amostra** no quesito faixa etária, pode-se observar que há um predomínio da amostra das pesquisas com faixa etária de 12 a 18 anos, sendo assim, o início da adolescência e o fim da adolescência, ou seja, adolescentes com 10, 11 e 19 anos têm participado menos de estudos científicos.

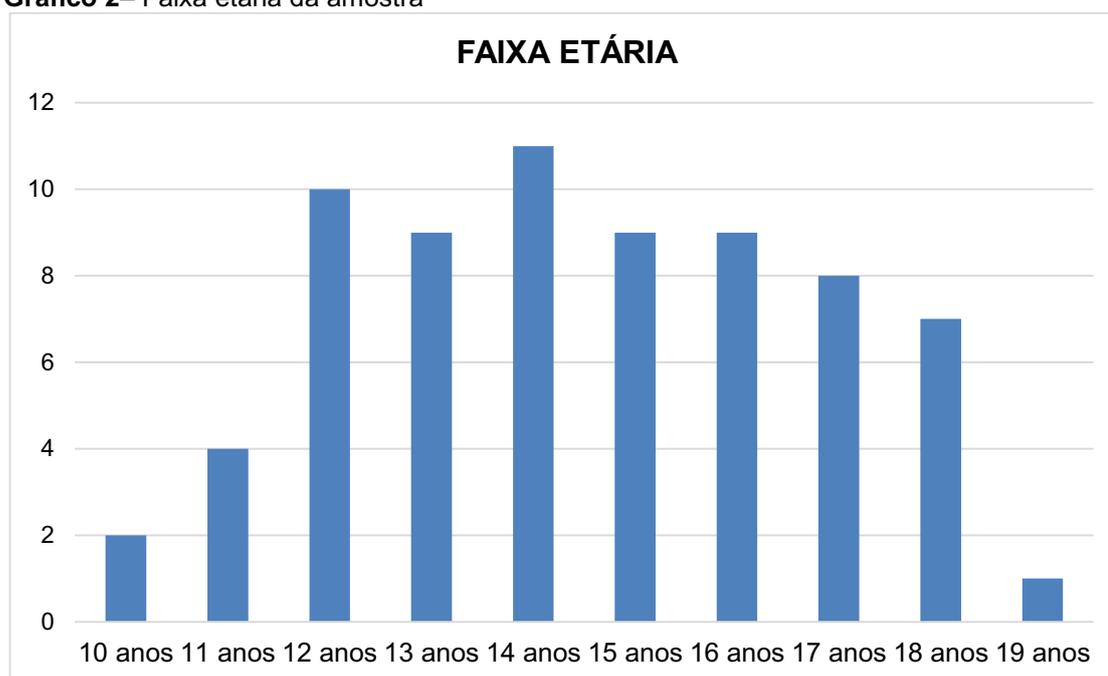
Porém, é preciso ressaltar que dois artigos não apresentaram a faixa etária escolhida para os seus estudos, apenas a média de idade da amostra. Além disso, um artigo de revisão de literatura não especificou faixa etária no seu estudo.

Quadro 3– Faixa etária da amostra

FAIXA ETÁRIA	N (nº de publicações)
10 – 17 anos	1
10 – 18 anos	1
11 – 14 anos	1
11 – 18 anos	1
12 – 16 anos	1
12 – 18 anos	3
12 – 19 anos	1
12 anos e 3 meses – 12 anos e 11 meses	1
14 – 18 anos	1
14 anos	1

Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 2– Faixa etária da amostra



Fonte: Dados da pesquisa

Das pesquisas selecionadas, foram identificadas cinco **visões sobre a adolescência** diferentes, sendo que aquelas visões que possuíam semelhanças foram agrupadas e denominados como aspectos, sendo eles:

- O **aspecto 1** se refere aos estudos que abordaram a adolescência como um período de transformações como por exemplo: a adolescência como uma etapa da vida que é muitas vezes desafiadora e que há muitas transformações que podem ocasionar em ansiedade (BATISTA; SISTO, 2005); a adolescência como um momento da vida em que ocorrem mudanças biopsicossociais que podem levar o indivíduo a apresentar transtornos mentais (PATIAS et al., 2016); a adolescência como uma fase de vida com muitas mudanças biológicas, psicológicas e sociais que podem levar o indivíduo a uma maior vulnerabilidade e exposição da violência (PATIAS; HEINE; DELL'AGLIO, 2017); a adolescência como um período marcado por mudanças biopsicossociais, em que o sono passa por mudanças estruturais que pode impactar na saúde mental do adolescente (PUCCI; PEREIRA, 2016); e a adolescência como um período marcado por mudanças significativas da mente e do corpo, que podem levar a uma necessidade de reformulação da identidade infantil e da imagem corporal (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

- O **aspecto 2** se refere aos estudos que abordam a adolescência como a fase em que os indivíduos são influenciados pelos funcionamentos dos grupos e da sociedade em que estão inseridos, tanto de amigos como de familiares como por exemplo: indivíduos na adolescência procura ser avaliado e validado pelo grupo, sendo que isso pode contribuir de maneira positiva ou negativa para o psicológico do adolescente (CUNHA et al., 2017). A adolescência também é um período da vida em que é necessário que os jovens sejam assistidos e cuidados, principalmente por estarem inseridos em uma sociedade contemporânea que tem como marca o individualismo (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009). A adolescência como uma fase que apresenta dificuldades para lidar com o tratamento de diabetes, porém, os fatores psicossociais e psicológicos podem contribuir positivamente ou negativamente para a adesão do tratamento e do controle (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012). E a adolescência hoje está se desenvolvendo em um contexto repleto de tecnologia de informação e de comunicação, no qual reflete em diferentes manifestações psicossociais (WENDT; LISBOA, 20013).
- Por fim, o **aspecto 3** se refere aos estudos que abordam a adolescência como um período em que há o desenvolvimento de novas habilidades como por exemplo: o desenvolvimento da capacidade de consciência de si mesmo e de reflexão na qual ocorre mais casos de ansiedade relacionada à fobia social (REPPOLD; HUTZ, 2013); a adolescência como uma fase crítica do desenvolvimento por ser o período que se desenvolve diversas habilidades sociais (D'EL REY; PACINI; CHAVIRA, 2006); e a adolescência como a fase em que se estabelece compromissos relacionados à vida escolar e profissional, no qual se desenvolve a capacidade de lidar com desafios, além de ser um momento de transição da fantasia para a realidade (CUNHA; FARIA, 2009).

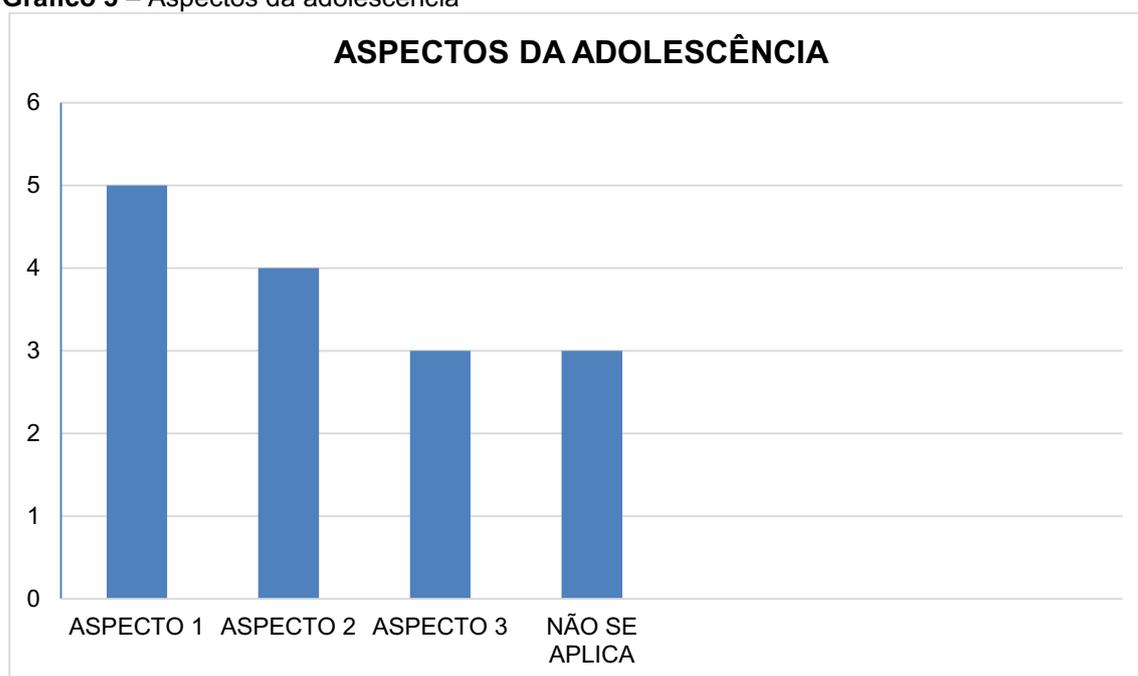
No entanto, três artigos não fundamentaram sobre a adolescência, apenas utilizaram a sua amostra com essa faixa etária, esses artigos estão no aspecto “não se aplica” (LOOS, 2004), (CUNHA; BORLOTI, 2009), (SANCHEZ; GOUVEIA JR, 2008).

Quadro 4– Aspectos da adolescência

CÓDIGO DO ESTUDO	ASPECTOS			
	1	2	3	NÃO SE APLICA
E1	X			
E2		X		
E3		X		
E4		X		
E5	X			
E6	X			
E7	X			
E8			X	
E9	X			
E10			X	
E11				X
E12		X		
E13				X
E14			X	
E15				X

Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 3 – Aspectos da adolescência



Fonte: Dados da pesquisa

A partir desses dados, pode-se notar que aproximadamente 33,4% dos artigos fundamentam a adolescência como um período de transformações e de mudanças, sendo o maior índice da forma como é abordada a adolescência (BATISTA; SISTO, 2005), (PATIAS et al., 2016), (PATIAS; HEINE; DELL'AGLIO, 2017), (PUCCI; PEREIRA, 2016), (CAMPAGNA; SOUZA, 2006).

Logo após, cerca de 26,7% dos artigos fundamentam a adolescência como um período da vida em que os indivíduos são influenciados pelos meios em que estão inseridos (CUNHA et al., 2017), (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009), (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012), (WENDT; LISBOA, 20013).

Logo após, 20% dos artigos abordam a como um período em que se é adquirido novas habilidades e capacidades (REPPOLD; HUTZ, 2013) (D'EL REY; PACINI; CHAVIRA, 2006). Além disso, 20% das publicações também que não utilizaram em seus artigos fundamentações específicas para a adolescência, apenas utilizaram como amostragem indivíduos adolescentes (LOOS, 2004), (CUNHA; BORLOTI, 2009), (SANCHEZ; GOUVEIA JR, 2008).

No que diz a respeito das **visões sobre a ansiedade**, foram identificadas foram identificadas duas visões diferentes, sendo que aquelas visões que possuíam semelhanças foram agrupadas e denominados como aspectos, sendo eles:

- O **aspecto 1** se refere aos estudos que abordam a ansiedade como se ela fosse um resultado ou uma consequência de um outro fator, como por exemplo: a referência ao futuro, relacionamento interpessoal e sexualidade são três eixos causadores de ansiedade (BATISTA; SISTO, 2005); adolescentes que tiveram experiências de vergonha apresentaram um impacto traumático e manifestaram níveis mais altos de sintomas de depressão, ansiedade e estresse (CUNHA et al., 2017); a ansiedade como uma resposta fisiológica frente a um perigo ou ameaça (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009); a ansiedade/depressão em níveis mais altos quando a família do paciente possui níveis altos de conflito (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012); os transtornos de ansiedade têm bastante incidência como comorbidade da depressão (PATIAS et al., 2016); a ansiedade apresentada devido ao fato do adolescente estar exposto à violência de forma direta ou indireta, além de relacionada com o desenvolvimento de transtornos mentais (PATIAS; HEINE; DELL'AGLIO, 2017); adolescentes que dormem pouco apresentam altos níveis de sintomas depressivos e alta prevalência de transtornos de ansiedade (PUCCI; PEREIRA, 2016); a presença da ansiedade relacionadas à visão do corpo feminino e suas mudanças devido à adolescência (CAMPAGNA; SOUZA, 2006); a ansiedade social está presente durante todo o desenvolvimento do indivíduo devido às situações novas que ele deve enfrentar, porém, ela pode se tornar uma ansiedade patológica (D'EL REY; PACINI; CHAVIRA, 2006); os sintomas de ansiedade e depressão como possíveis consequências e fatores de risco devido aos acontecimentos relacionados à *bullying* na adolescência (WENDT; LISBOA, 2013); a relação da ansiedade com o processo de punição positiva e reforçamento negativo (CUNHA; BORLOTI, 2009); e a ansiedade como um sintoma consequente da indecisão da tomada de decisão vocacional, porém, há também indivíduos que são indecisos crônicos que apresentam indecisão frente há diversos desafios e esses apresentam ansiedade do tipo traço (CUNHA; FARIA, 2009).
- O **aspecto 2** se refere aos estudos que abordam a ansiedade como causadora de outras consequências, como por exemplo: a ansiedade em

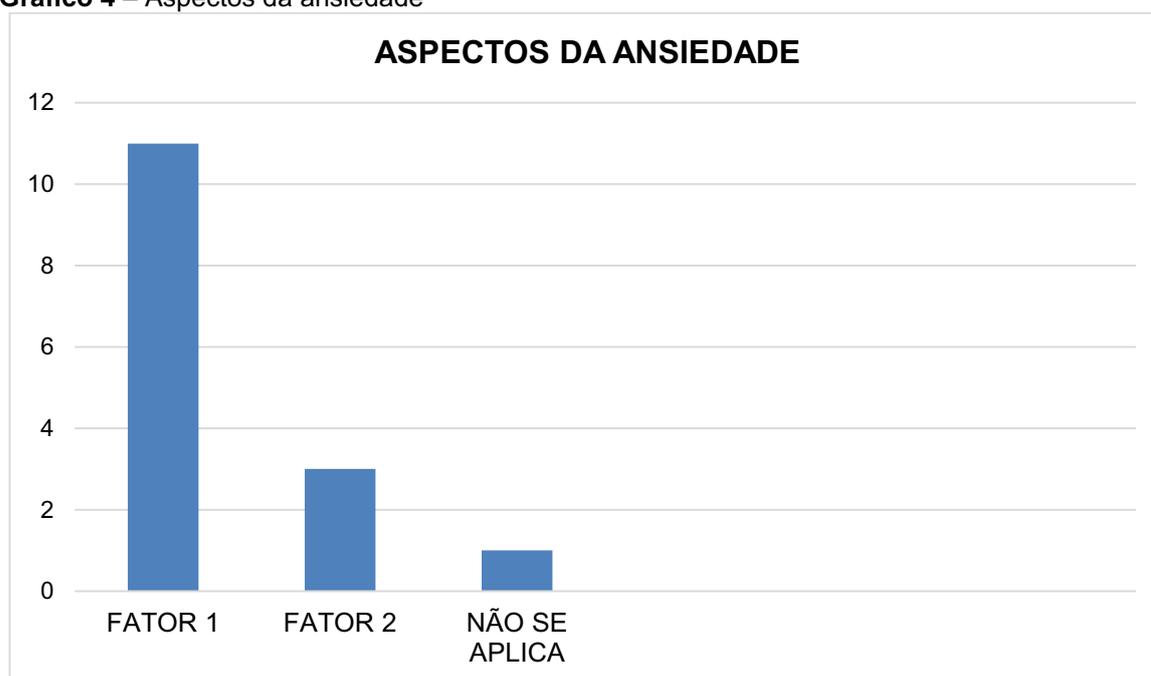
jovens implica ao maior risco de absentéismo e evasão escolar, dificuldade em se relacionar interpessoalmente, vitimização e utilização frequente de psiquiatras (REPPOLD; HUTZ, 2013); e ansiedade é um aspecto afetivo-emocional que em seus altos níveis afetam negativamente a performance dos alunos (LOOS, 2004).

No entanto, um artigo não fundamentou sobre a ansiedade, apenas utilizou uma escala para medir humor em adolescentes surdos, esse artigo está no aspecto “não se aplica” (SANCHEZ; GOUVEIA JR, 2008).

Quadro 5 – Aspectos da ansiedade

CÓDIGO DO ESTUDO	ASPECTOS		
	1	2	NÃO SE APLICA
E1	X		
E2	X		
E3	X		
E4	X		
E5	X		
E6	X		
E7	X		
E8		X	
E9	X		
E10	X		
E11		X	
E12	X		
E13	X		
E14		X	
E15			X

Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 4 – Aspectos da ansiedade

Fonte: Dados da pesquisa

A partir dos dados, nota-se que há uma prevalência de cerca de 73,4% de estudos que fundamentam a ansiedade como uma consequência de algum outro fator desencadeante (BATISTA; SISTO, 2005), (CUNHA et al., 2017), (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009), (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012), (PATIAS et al., 2016), (PATIAS; HEINE; DELL'AGLIO, 2017), (PUCCI; PEREIRA, 2016), (CAMPAGNA; SOUZA, 2006), (D'EL REY; PACINI; CHAVIRA, 2006), (WENDT; LISBOA, 2013), (CUNHA; BORLOTI, 2009),

Posteriormente, 20% dos artigos abordaram a ansiedade como causadora de consequências (REPPOLD; HUTZ, 2013), (LOOS, 2004), (CUNHA; FARIA, 2009). E por fim, apenas um artigo não fundamentou a ansiedade.

4.4 DISCUSSÃO TEMÁTICA DOS PRINCIPAIS RESULTADOS

A partir dos resultados obtidos, notou-se que o começo da discussão sobre a ansiedade na adolescência em Psicologia foi no ano de 2004 e que tem acontecido um aumento de publicações nessa área no decorrer dos anos, além disso, é significativo que essas discussões tenham sido iniciadas no início do século XXI em que a sociedade tem cada vez mais acesso a informação e conhecimento, além do fato dos jovens desse século estarem crescendo em um mundo que está o tempo todo rodeado de tecnologia (WENDT; LISBOA, 2013).

A partir desse resultado e dos dados da ferramenta Global Health Data Exchange (GHDx) do Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME, 2017) da Universidade de Washington a incidência de Transtornos de Ansiedade no Brasil em 2004 na faixa etária 10 a 14 anos de ambos os sexos foi de 181.686,97 e em 2017 foi de 164.873,73, ou seja, em 13 anos a incidência diminuiu em 87.186,76. Já na faixa etária de 15 a 19 anos a incidência de 2004 foi de 174.739,32 e em 2017 foi de 157.766,74, ou seja, também teve uma queda da incidência de 16.972,58. Com isso, recomenda-se que novos trabalhos sejam realizados a fim de compreender possíveis fatores que influenciaram na diminuição desses índices de ansiedade em adolescentes.

Além disso, outro fator relevante que foi identificado nos resultados é que as revistas que mais publicaram foram em sua maioria revistas que possuem abordagens mais objetivas como “Aval. psicol.” que aborda temas voltados a avaliação psicológica, o periódico “Estud. psicol. (Natal)” que aborda temas de Psicobiologia e a “Rev. bras. ter. comport. cogn.” que possui a abordagem comportamental e cognitiva. Porém, o periódico “Estud. psicol. (Campinas)” também foi o que mais publicou, no entanto, esse periódico publica temas e abordagens diversos em Psicologia.

Com base nesse resultado, nota-se uma maior publicação em revistas que possuem abordagens mais positivistas na qual realiza pesquisas sem o envolvimento de interesses e valores sociais, sendo que adota uma visão isolada, natural e abstrata do fenômeno psicológico (BOCK, 2001).

Ademais, três autores publicaram mais do que os outros, sendo que Dell’Aglio, D. D. e Patias, N. D. publicaram em dois artigos juntos que correspondem ao artigo sobre a “Adaptação e validação do instrumento *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form (DASS-21)*” (PATIAS et al., 2016) e sobre o “Bem-estar subjetivo, violência e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes” (PATIAS; HEINE; DELL’AGLIO, 2017). Além desses dois autores, outro autor que teve maior quantidade de publicação quando comparados aos outros foi o Pereira, M. G. que publicou os artigos que se referem as “Variáveis individuais e familiares na adesão do tratamento, controle metabólico e qualidade de vida em adolescentes com diabetes tipo 1” (ALMEIDA; PEREIRA’FONTOURA, 2012) e “O papel mediador da morbidade psicológica em hábitos de sono e comportamentos de saúde em adolescentes” (PUCCI; PEREIRA, 2016).

Na caracterização da amostra no que se refere à faixa etária, pôde-se perceber que o enfoque está em adolescentes entre 12 a 18 anos, sendo que poucos estudos têm como fator de inclusão idades de 10, 11 e 19 anos, que caracteriza o início e o fim da adolescência. Sendo que nesse início, o adolescente está provavelmente vivenciando os ritos de passagem, tanto da infância para a adolescência, quanto da adolescência para a vida adulta.

No entanto, segundo Aberastury (1981 apud BRETAS et al., 2008) no início da adolescência é quando esse adolescente se organiza para criar e desenvolver a sua identidade e a partir disso, ele vivencia um período de perdas e lutos. Já no fim da adolescência, esse indivíduo está preparado, mas receoso, para assumir sua nova identidade na sociedade como um adulto. Por isso, são períodos decisivos da adolescência, sendo que a forma como esse adolescente vivencia o início dessa fase e o fim dessa fase, influencia na forma como ele irá agir no decorrer da adolescência e no decorrer do início da fase adulta, respectivamente. Por fim, é de extrema importância que os estudos incluam mais essas fases de transição em suas pesquisas.

No que se refere aos objetivos, a visão sobre a adolescência e a ansiedade optou-se por separar de maneira temática os resultados que serão apresentados a seguir:

4.4.1 Quanto aos objetivos das pesquisas

Notou-se a presença de seis objetivos diferentes das pesquisas desta revisão de literatura, sendo que objetivos semelhantes foram agrupados e serão expostos e discutidos seguidamente:

4.4.1.1 Avaliação psicológica com escalas e instrumentos

Observou-se que há uma grande quantidade de produções científicas com o objetivo de desenvolver, validar e traduzir escalas e instrumentos para avaliação psicológica sendo que cinco artigos desta revisão apresentaram objetivos nessa categoria.

Batista e Sisto (2005) tiveram como objetivo desenvolver um “Inventário de Ansiedade do Adolescente” a partir das Classificações de Transtornos Mentais e de Comportamento do CID-10, além da Coordenação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação

Norte-Americana de Psiquiatria (DSM-IV). Ademais, os autores também realizaram entrevistas em forma de reunião com dez adolescentes com o intuito de abordarem o tema da ansiedade e identificar os comportamentos ou situações que esse tema emergia. A partir desses dados, os autores montaram 75 frases relacionadas com os sintomas de ansiedade e com situações hipotéticas em que os sintomas poderiam emergir, essas frases foram juntadas em duas categorias, uma na qual se referia a sintomas físicos e outra relacionada aos sintomas psicológicos, feito isso, os autores seguiram com a pesquisa para a revisão das frases e a aplicação do instrumento em uma sala de aula.

Cunha et al. (2017) tiveram como objetivo a adaptação e análise das qualidades psicométricas da *Impact of Event Scale-Revised* (IES-R) em um grupo de adolescentes, além de buscar realizar uma análise da sensibilidade da escala no que se diz a respeito do caráter sociodemográfico da amostra, buscar associações do impacto das experiências de vergonha e seu aspecto central do acontecimento e os sintomas de ansiedade, depressão e estresse.

Patias et al. (2016) tiveram como objetivo a adaptação e a validação da *Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form* (DASS-21) para adolescentes, sendo esse uma ferramenta que mapeia sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Os autores escolheram essa ferramenta pois ela possui uma fundamentação teórica que diferencia os sintomas de ansiedade dos de depressão, sendo esse um fator diferenciado desse instrumento em relação as outras escalas e instrumentos.

Reppold e Hutz (2013) tiveram como objetivo a validação da escala de ansiedade em adolescentes e a apresentação desse estudo. Os autores utilizaram dois grupos-critérios diferentes, sendo eles: um grupo clínico no qual era composto por adolescentes que tinham diagnóstico psiquiátrico e um grupo de adolescentes que foram indicados pelos seus professores e coordenadores por terem manifestado comportamentos que estavam relacionados com o constructo da ansiedade.

Por fim, Sanchez e Gouveia Jr. (2008) focaram na tradução da Escala Analógica de Humor para surdos que utilizavam LIBRAS para assim, gerar uma escala trilingue composta pelo português, LIBRAS e pelo alfabeto digital. Assim, para testar essa escala, os autores compararam a ansiedade descrita pelos não surdos e pelos surdos que falavam por LIBRAS.

A partir desses estudos, percebe-se que diversos autores têm investido em realizar pesquisas no âmbito da avaliação psicológica para desenvolver, aprimorar ou adaptar instrumentos que auxiliem posteriormente no diagnóstico de ansiedade ou outros constructos. No entanto, pesquisas que tem esse objetivo nos fazem inferir que elas possuem uma visão de existe um perfil normativo e que o perfil que está fora dessa norma, apresenta uma anormalidade, contudo, de acordo com Bock (2001), essa visão da Psicologia responsabiliza o indivíduo pelos resultados das suas ações, sem adotar uma visão que engloba o contexto social, econômico e cultural em que esse indivíduo está inserido, classificando os indivíduos segundo os padrões de vida da elite.

4.4.1.2 Relação biopsicossocial

Em relação aos estudos que tiveram como objetivo estabelecer uma relação entre o biológico, o psicológico e o social apresentaram também um alto índice de produção científica quando comparados aos outros estudos selecionados para esta pesquisa. No total, foram quatro artigos que tiveram esse objetivo em comum.

Almeida, Pereira e Fontoura (2012) estabeleceram uma relação entre adesão do tratamento, controle metabólico e qualidade de vida, além de estabelecer uma relação dessas com os funcionamentos familiares e suas variações, além das condições psicológicas do adolescente portador de diabetes tipo 1.

Patias, Heine e Dell’Aglia (2017) traçaram como objetivo do estudo a investigação das relações entre exposição à violência direta, que se refere a ser vítima, e indireta, que se refere a testemunhar ou ouvir sobre violência, bem como o bem-estar subjetivo e os sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes.

Pucci e Pereira (2016) tiveram como objetivo a realização de uma análise de uma possível função mediadora da morbidade psicológica na relação entre a sonolência diurna em excesso e a qualidade do sono, assim como, a função mediadora da morbidade psicológica em relação aos hábitos de sono e os comportamentos de saúde.

Por fim, Campagna e Souza (2006) definiram como objetivo a investigação de quais são as imagens corporais de meninas que estão no início da adolescência a partir de entrevistas semi-dirigidas e o Teste do Desenho da Figura Humana.

Conclui-se que um número significativo de estudos tem procurado estudar os indivíduos, principalmente os adolescentes, como um ser integral, no qual embora seja composto por um corpo, uma psique e esteja incluído na sociedade que aparentemente sejam distintos em sua materialização, esses três fatores estão sempre interligados. Uma visão íntegra do indivíduo e da sociedade em que está inserido é de extrema importância, pois o ser humano é um membro fundamental para a sociedade, sendo que a realidade e conhecimento que permeiam a sociedade é produto dela mesma, devido a isso, essa produção de realidade e conhecimento (científico ou não) é capaz de influenciar a realidade e ser influenciada por ela (BERGER; LUCKMAN, 1976).

4.4.1.3 Atendimentos psicológicos

A partir dos resultados desta pesquisa, obteve-se dois artigos nos quais demarcaram como objetivo o relato de intervenções de atendimentos psicológicos, embora existam pesquisas nessa área, o número que se apresentou nesta pesquisa foi baixo quando comparado aos outros artigos.

Costa, Carvalho e Wentzel (2009) assinalaram como objetivo a implementação de plantão psicológico em uma instituição de recepção de adolescentes que cometeram algum ato infracional para promover “acolhimento multidisciplinar ao adolescente autor de ato infracional no momento de sua chegada na instituição, logo após a sua apreensão pelos profissionais de segurança pública” (p. 132). Com isso, os autores tinham como intenção a contribuição da discussão teórica sobre o tema e o desenvolvimento de estratégias direcionadas para esses indivíduos.

Por fim, Cunha e Faria (2009) tiveram como objetivo a descrição dos resultados de um caso de consulta psicológica que teve como meta apoiar as diversidades da tomada de decisão vocacional que são permeadas por indecisão e exploração de carreira.

A partir desses resultados no quesito de atendimento psicológico, nota-se um baixo índice de pesquisas nessa área, no entanto, a descrição de relatos e resultados de atendimentos psicológicos são de extrema importância para a área da Psicologia. Bem como para casos de adolescentes e de ansiedade já que há uma grande quantidade de incidência desta patologia nesta faixa etária, uma vez que esses

indivíduos estão se sentindo ameaçados frente as mudanças que estão vivenciando e que ainda irão vivenciar (BRITO, 2011).

4.4.1.4 Causalidade entre ansiedade e aprendizagem

A partir dos resultados desta pesquisa, dois artigos apresentaram como objetivo uma possível relação de causalidade entre ansiedade e aprendizagem. A quantidade de artigos que tiveram esse objetivo foi considerada baixa em relação aos outros.

D'El Rey, Pacini e Chavira (2006) delimitaram como objetivo a verificação do predomínio da fobia social a partir do Inventário de Fobia Social (SPIN) e a sua influência na repetência escolar em uma amostragem de adolescentes em uma escola em São Paulo.

Loos (2004) teve como objetivo a avaliação dos seguintes aspectos: a desenvoltura cognitiva na atividade de solução de problemas algébricos; o nível da interação social das duplas e seu possível (ou não) desencadeamento de conflito cognitivo e/ou sócio-afetivo; e a demonstração e manejo da ansiedade e a sua possível consequência na atividade.

Baseado nesses resultados, pode-se inferir que embora o índice de pesquisas relacionando ansiedade, adolescência e aprendizagem tenha sido baixo na amostragem desta pesquisa, tem-se realizado pesquisas sobre esses temas que são de grande relevância pois é no início da adolescência que de acordo com Piaget (1999) o adolescente vai além do pensamento concreto e começa a desenvolver o pensamento formal que o permitirá construir teorias a partir da sua visão e do seu raciocínio “hipotético-dedutivo” e que então, irá auxiliar esse adolescente a recriar sua identidade e reconhecê-la.

4.4.1.5 Revisão de literatura

Em relação aos resultados obtidos, apenas um artigo teve como objetivo realizar uma revisão de literatura, Wendt e Lisboa (2013) visaram apresentar uma revisão sobre “*cyberbullying*”, suas particularidades, influências e adversidades a partir de bases de dados nacionais e internacionais entre os anos de 2000 e 2012. Esse resultado baixo em revisão de literatura chama atenção para a necessidade de maior produção científica com esse método de pesquisa.

4.4.1.6 Causalidade entre reforçamento e eventos privados

Quanto aos objetivos que buscaram causalidade entre reforçamento e evento privado, obteve-se apenas um artigo, no entanto, embora o resultado tenha sido reduzido, esse tema é bem específico da abordagem comportamental. Cunha e Borloti (2009) tiveram como objetivo pesquisar a gestão das contingências planejadas a respeito dos eventos privados do tipo sentir implantando:

“Um procedimento que eliciu tais eventos e evocou o tacto dos mesmos (sentimentos) de modo a elucidar como as contingências de reforçamento programadas no software se relacionam com os tactos dos eventos privados do tipo sentir” (CUNHA; BORLOTI, 2009, p. 212).

4.4.2 Quanto a visão sobre a adolescência das pesquisas

A partir dos resultados desta pesquisa, foram obtidos e classificados três tipos de visões diferentes sobre a adolescência, além de ter uma categoria na qual não foi possível identificar a fundamentação sobre a adolescência. A seguir, serão discutidas todas essas visões:

4.4.2.1 Adolescência como uma fase de transformações

Com base nos resultados, a maior parte dos artigos apresentaram a adolescência como um período de transformações, sendo que cinco artigos adotaram essa visão sobre esse período de vida dos indivíduos.

Batista e Sisto (2005) fundamentaram a adolescência como uma fase da vida em que é caracterizada por transformações biológicas, comportamentais e sociais, que por ter essa característica, pode surgir ansiedade no indivíduo, porém, essa ansiedade é vista como rebeldia pelos pais ou professores, ou como um impedimento para os pesquisadores por ter o desafio de realizar uma pesquisa sistemática devido às transições dessa etapa de vida. De acordo com Günther (1996 apud BATISTA; SISTO, 2005), é preciso que tenha mais produções científicas com adolescentes a fim de entender melhor os seus receios, para assim, os adultos conseguirem estabelecer uma relação mais eficaz com esses adolescentes, além dessa compreensão facilitar a relação com a comunidade e o bem-estar dos jovens.

Além disso, segundo Ferrari (1996 apud BATISTA; SISTO, 2005) as transformações que esses jovens vivenciam em seu físico e psicológico o colocam em constante estado de alerta. Batista e Sisto (2005) argumentam que essas mudanças fazem com que o jovem enfrente algumas decisões a serem tomadas em relação a

sua sexualidade, aos grupos e atitudes que desejam ter, a autonomia que almejam conquistar, o desejo de não seguir regras, entre outros.

Patias et al. (2016) também fundamenta a adolescência como um período de transformações, os autores se fundamentam em outros autores que revelam que as mudanças biopsicossociais na adolescência podem possibilitar o desenvolvimento de transtornos mentais, pois os fatores hormonais propiciam ao adolescente uma maior sensibilidade aos eventos estressantes do ambiente (HESS; FALCKE, 2013 apud PATIAS et al., 2016); (PINTO et al, 2014 apud PATIAS et al., 2016); (ROCHA et al., 2013 apud PATIAS et al., 2016).

Patias, Heine e Dell’Aglia (2017) também abordam a adolescência como um período da vida em que ocorrem mudanças biopsicossocial que podem levar o adolescente a uma maior vulnerabilidade e exposição à violência (FRANCO; RODRIGUES, 2014 apud PATIAS; HEINE; DELL’AGLIO, 2017). Porém, os autores também enfatizam que o contexto sócio cultural em que o adolescente está inserido também influencia na forma com que ele vivencia esse período de vida.

As autoras Pucci e Pereira (2016) igualmente adotam a visão da adolescência como um período de muitas mudanças biopsicossociais, na qual para as autoras é enfatizada a mudança estrutural no sono, sendo que essa alteração pode afetar na saúde mental do adolescente (PAIVA; GASPARG; MATOS, 2015 apud PUCCI; PEREIRA, 2016). No entanto, tem sido comum que os estudos demonstrem que adolescentes dormem menos que o esperado e que eles não tenham um hábito de sono saudável, sendo que um aspecto que tem influenciado a qualidade do sono é o uso de eletrônicos, além de substâncias psicoativas, relações sexuais sem proteção e problemas psicológicos e comportamentais (LEMOLA, 2015 apud PUCCI; PEREIRA, 2016); (SCHOCAT; COHEN-ZION; TZISCHINSKY, 2014 apud PUCCI; PEREIRA, 2016).

Por fim, as autoras Campagna e Souza (2006) também abordaram a adolescência como uma fase em que em pouco tempo, juntamente com o avanço da puberdade, o indivíduo vivencia mudanças significativas no seu corpo e na sua mente. Além disso, como o enfoque da pesquisa dessas autoras é a imagem corporal da adolescente do sexo feminino, elas também explanam que as mudanças corporais devido ao desenvolvimento e as produções de hormônios que essas garotas sentem são significativas e que geralmente tem início com oito ou nove anos.

Devido a essas mudanças, a imagem corporal precisa ser renovada, além disso, a identidade dessa adolescente se desorganiza frente às aquisições das novas características sexuais, assim, essa adolescente passa a elaborar o luto do seu corpo infantil e a buscar uma nova identidade (ABERASTURY, 1990 apud CAMPAGNA; SOUZA, 2006). No entanto, segundo Campagna e Souza (2006) a adolescente que está inserida no contexto da sociedade ocidental contemporânea possui novos desafios devido à globalização e as influências digitais.

No estudo de Campagna e Souza (2006), as autoras identificaram que as adolescentes da sua amostra, aos 12 anos, reconheciam que estava em um momento de transição, porém, às vezes queriam avançar para o amadurecimento e às vezes queriam recuar para a infância, buscando assim uma adaptação ao meio e uma renovação da identidade.

A partir desses resultados, observa-se que a adolescência de fato traz consigo mudanças e transformações no âmbito biopsicossocial e que essas mudanças geram no indivíduo diversas sensações que muitas vezes ele não está preparado para lidar devido à uma falta de amadurecimento psicológico e emocional, porém, o meio em que ele está inserido pode tanto auxiliar esse adolescente na transição, como também pode dificultar e prejudicar.

No entanto, a adolescência foi algo concebido ao longo da história, por isso, além das marcas do desenvolvimento físico, ela também é composta por fatores sociais e psicológicos que possuem significados e interpretações característicos de acordo com o contexto social, econômico e histórico em que ela está incluída (OZELLA, 2002 apud SOUSA; BRANDAO, 2008). Devido a essas características, como todo processo, o adolescer é um processo complexo que possui particularidades de acordo com o contexto, por isso, é um processo que pode ganhar novos significados ao longo do tempo.

4.4.2.2 Adolescência e o contexto em que está inserida

De acordo com os resultados obtidos a segunda visão de adolescência mais frequente foi a ideia de que a adolescência é influenciada pelo funcionamento do meio em que o adolescente está inserido. Quatro artigos adotaram essas visões para seus estudos com adolescentes que será explanada em seguida.

Cunha et al. (2017) fundamenta a adolescência como um período em que os acontecimentos que ocorrem em seu decorrer podem afetar de maneira significativa no ajustamento e bem-estar psicológico (WOLFE; MASH, 2006 apud CUNHA et al., 2017). Além disso, os acontecimentos adversos permeados por estressores podem aumentar a vulnerabilidade para um quadro psicopatológico (ÄSLUND et al., 2007 apud CUNHA et al., 2017); (CUFFE et al., 2005 apud CUNHA et al., 2017); (TANGNEY; DEARING, 2002 apud CUNHA et al., 2017); (WOLFE; MASH, 2006 apud CUNHA et al., 2017).

Como na adolescência os jovens tendem a se separar dos pais e se aproximar mais de seus grupos de amigos, acabam se tornando mais vulneráveis às formas com que seus amigos se relacionam com ele, sendo que experiências negativas como se sentir envergonhado, ser excluído ou ridicularizado podem afetar em seu desenvolvimento desse adolescente rumo a uma visão de eu inferior (GILBERT; IRONS, 2009 (WOLFE; MASH, 2006 apud CUNHA et al., 2017).

Costa, Carvalho e Wentzel (2009) fundamentam que a adolescência é marcada pela “tendência grupal, a busca da identidade, a deslocalização temporal e as contradições sucessivas na conduta” (p. 136) que o interesse pela juventude oscila de tempos em tempos, mas ele é sempre permeado por crises, excessos, conflitos e explosões que caracterizam os adolescentes, assim, esses temas sempre estão acompanhados de preocupação tanto social quanto acadêmica com essa juventude (GONÇALVES, 2005 apud COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009). Além disso, os autores utilizam o Estatuto da Criança e do Adolescente que foi introduzido em 1990 para definir a adolescência no período entre 12 a 18 anos, sendo que essa etapa possui necessidades e direitos característicos dessa fase.

No entanto, comportamentos transgressores nessa fase indicam que há questões da adolescência que não foram elaboradas devidamente, bem como transformações não ocorreram ou ocorreram de maneira parcial (BLOS, 1996 apud COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009). Para Costa, Carvalho e Wentzel (2009) a complexidade da adolescência “somada às variantes que influenciam cada indivíduo e os modelos dominantes na sociedade atual, sejam econômicos, culturais ou políticos, indicam a amplitude do problema” (p. 132).

Ademais, é importante ressaltar que os adolescentes transgressores muitas vezes vivenciam uma realidade que possuem bases frágeis familiares em que não possuem:

“Condições dignas de sobrevivência, não são assistidos em seus direitos elementares pelas políticas sociais básicas definidas enquanto prioridade do ECA, tampouco reconhecidos na singularidade de suas demandas” (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009, p. 132).

Segundo Almeida, Pereira e Fontoura (2012) as circunstâncias social, familiar e ambiental em que o adolescente vive são importantes para o sucesso da sua adesão ao tratamento, pois a presença de uma doença crônica pode gerar estresse no funcionamento familiar, principalmente se essa doença requer uma adaptação de todo o sistema e dos novos papéis e tarefas que os membros precisam se adaptar (LUBKIN, 1990 apud ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012) (MCCUBBIN; MCCUBBIN, 1993 apud ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012).

Os resultados da pesquisa de Almeida, Pereira e Fontoura (2012) apontaram que os pais dos adolescentes são caracterizados com as principais fontes de suporte social e afetivo no qual são capazes de aliviar o estresse relacionado à doença e permite uma sensação de maior auto eficácia.

Wendt e Lisboa (2013) contextualiza o adolescente no universo dos nativos digitais, no qual faz referência “à primeira geração conectada à rede mundial de computadores, que teve seu início por volta dos anos oitenta do século passado” (p. 76). Isso resulta em adolescentes crescendo e se desenvolvendo em um contexto tecnológico permeado por informações e comunicações que refletem em diferentes manifestações psicossociais (PALFREY; GASSER, 2011 apud WENDT; LISBOA, 2013).

Contudo, essa era tecnológica tem trazido um alto índice de *cyberbullying* (bullying pela internet) e isso tem afetado a saúde emocional dos adolescentes, porém, para a prevenção do *cyberbullying* é necessário que as escolas tenham políticas aplicadas aos aparelhos tecnológicos, que os pais vigiem e monitorem a atitude dos filhos nos meios de comunicação digital e o campo científico tem que estimular uma maior produção de conhecimento sobre temas que estão em alta na contemporaneidade (WENDT; LISBOA, 2013).

A partir dessas informações, é possível identificar que os contextos sociais em que o adolescente está inserido interfere na sua saúde mental, além disso, esse contexto tem se transformado em uma velocidade mais alta devido à tecnologia que

renova o tempo todo, refletindo assim, na vida de todos, principalmente na dos adolescentes que estão vivenciando uma fase em que a inserção e aprovação social tem uma importância relevante.

De fato, o contexto interfere na saúde mental dos indivíduos, pois além desse indivíduo agir, construir e transformar o mundo, esse mundo o também auxilia na construção psíquica do homem (BOCK, 2001). Além disso, de acordo com Clímaco (1991 apud BOCK, 2007), o surgimento da adolescência se deu com o desenvolvimento da tecnologia nas reformas industriais e foi a partir desse novo contexto sócio histórico que foram levantadas novas demandas sociais que resultou na “criação” da adolescência. No entanto, nossa sociedade está em constante processo de mudança e por isso o adolescer pode ganhar novos significados e novas necessidades de acordo com o contexto em que está inserida.

4.4.2.3 Adolescência e suas aquisições de novas capacidades

Com base nos resultados, três artigos apresentaram a adolescência como um período em que se adquire e desenvolve novas capacidades e habilidades. A visão adotada por esses artigos será apresentada a seguir.

Reppold e Hutz (2013) fundamentaram a adolescência como uma fase em que há um “aumento das capacidades de autoconsciência e abstração reflexionantes típicas” (p.132) e devido à essa peculiaridade da adolescência há um maior índice de fobia social, pois o jovem está mais capacitado a julgar a sua desenvoltura social e prever possíveis avaliações e comportamentos dos outros (BROEREN; MURIS, 2009 apud REPPOLD; HUTZ, 2013), (MURIS et al., 2007 apud REPPOLD; HUTZ, 2013), (PEREIRA; BARROS; MENDONÇA, 2012 apud REPPOLD; HUTZ, 2013).

Esse indicador é reforçado pelos estudos de Levitan e cols (2011 apud REPPOLD; HUTZ, 2013) no qual apontou que indivíduos com altos índices de ansiedade social que antecipavam as interações sociais ou que imaginavam como os outros iriam julgá-los, apresentaram memória seletiva para os acontecimentos negativos.

D’El Rey, Pacini e Chavira (2006) apontaram que a idade de 12 e 15 anos são idades críticas pois é quando ocorre o desenvolvimento pessoal de “habilidades sociais, como o comportamento de auto-afirmação, habilidades de paquera, etc.” (p. 113).

Por fim, as autoras Cunha e Faria (2009) abordaram a adolescência como uma fase:

“Constituída por marcos fundamentais, como o desenvolvimento de interesses, da consciência das suas capacidades, da consolidação de valores e do desenvolvimento de capacidades de tomada de decisão face às sucessivas transições a que está sujeito” (CUNHA; FARIA, 2009, p. 566).

Devido a isso, o adolescente está vivenciando uma fase que é favorável para a sua exploração vocacional e pessoal (SAVICKAS, 2002 apud CUNHA; FARIA, 2009).

Nesse sentido, é esperado que o adolescente se aventure no mundo, na sua cultura, nos papéis que deseja desempenhar que estão coerentes com a sua personalidade, seus princípios, seus desejos e qualidades (TAVEIRA, 2000 apud CUNHA; FARIA, 2009). Tudo isso é possível pois o desenvolvimento cognitivo desse adolescente contribui para seu desempenho, pois nessa fase o indivíduo possui habilidade para o raciocínio abstrato e hipotético-dedutivo que auxiliam esse indivíduo a “praticar e desenvolver a sua perspectiva temporal do futuro ou o ensaio de papéis sociais, em imaginação e na realidade” (AFONSO, 2000; TAVEIRA, 1997 apud CUNHA; FARIA, 2009, p. 566).

Com base nesses resultados, é possível perceber que na adolescência ocorrem desenvolvimentos de capacidades importantes que habilitam o indivíduo a prosseguir para uma vida adulta, além disso, é uma fase em que estão experimentando vivências novas que muitas vezes podem ser assustadoras. Por volta dos 11 e 12 anos, o indivíduo tem uma importante aquisição do raciocínio “hipotético-dedutivo”, que segundo Piaget (1999) vai além do pensamento concreto e desenvolve o pensamento formal que o permitirá construir, de sua maneira, a visão de mundo e a visão de si mesmo.

4.4.2.4 Adolescência não fundamentada

A partir dos resultados desta pesquisa, três artigos não fundamentaram a adolescência, apenas escolheram adolescentes para a sua amostra. Sendo eles: Loos (2004) que realizou uma pesquisa com adolescentes estudantes de 12 a 16 anos que estavam na 6^a e 7^a série por conveniência. Cunha e Borloti (2009) que realizou sua pesquisa com estudantes entre 11 e 14 anos do ensino fundamental. E Sanchez e Gouveia Jr. (2008) que realizaram a sua pesquisa com adolescentes de 11 a 18 anos de um programa de reabilitação de surdos e adolescentes de uma escola pública.

Esses resultados chamam atenção, pois ao trabalhar com um grupo específico que está passando pelo mesmo processo de desenvolvimento é esperado que as características desse desenvolvimento sejam levadas em consideração. A partir desse resultado, é possível inferir que esse modo de produção na Psicologia possui uma perspectiva que descola o fenômeno psicológico da realidade social e cultural, além disso, adota uma neutralidade que neutraliza o social e o desenvolvimento, por exemplo, não leva em consideração que o adolescente que fez parte da pesquisa possui particularidades e um histórico sócio cultural que só a ele pertence (BOCK, 2001).

4.4.3 Quanto a visão sobre a ansiedade das pesquisas

A partir dos resultados desta pesquisa, foram obtidos e classificados dois tipos de visões diferentes sobre a ansiedade, além de ter uma categoria na qual não foi possível identificar a fundamentação sobre a ansiedade. A seguir, serão discutidas essas visões:

4.4.3.1 A ansiedade como consequência

Com base nos resultados, grande parte dos artigos apresentaram uma visão da ansiedade em que ela é consequência de um outro fator, ou seja, é uma ansiedade que é desencadeada por um contexto específico. Seguidamente será apresentado as onze visões sobre a ansiedade como consequência.

Batista e Sisto (2005) apontaram que o tema da ansiedade mobiliza os pesquisadores há anos, porém, os estudos sempre apontam para a necessidade de mais pesquisas nessa área, além disso, os autores afirmam que as pesquisas sobre ansiedade na adolescência são escassas. Os autores também apontam que o conceito de ansiedade é ambíguo.

No entanto, Batista e Sisto (2005) explanam que a ansiedade pode ocorrer em diversos graus de intensidade, ela pode acontecer antes de um encontro com alguém importante, ou antes de uma prova em que o futuro da pessoa está em jogo, ou no momento em que recebe uma notícia de um desastre com uma pessoa querida, ou seja, a ansiedade pode ter várias formas e intensidades, pois é uma reação fisiológica fundamental frente a um perigo ou ameaça, porém, ela pode assumir um quadro patológico e influenciar no desenvolvimento do ser humano.

Os autores realizaram um estudo sobre a ansiedade vivenciada pelo adolescente, sendo que este “vive sob constantes desafios com relação a problemas reais ou a situações imaginárias e esperam-se dele respostas adequadas” (BATISTA; SISTO, 2005, p. 350), sendo assim, esse adolescente fica exposto à diversas situações que lhe causam ansiedade.

A partir do estudo de Batista e Sisto (2005) sobre uma escala de ansiedade para adolescentes, os autores identificaram três eixos causadores de ansiedade, sendo eles: em relação ao futuro; relacionamento interpessoal; e em relação à sexualidade. Além disso, contestando esses três eixos, outro eixo teve relação com “proteção, felicidade, dinamismo e segurança” (BATISTA; SISTO, 2005, p. 353).

Cunha et al. (2017) realizou uma pesquisa com o intuito de avaliar como as situações da vida podem influenciar negativamente na saúde mental, para assim, promover resiliência e redução do impacto desses acontecimentos nas vidas dos adolescentes. Assim, os resultados da pesquisa de Cunha et al. (2017) apontaram que os adolescentes que vivenciaram acontecimentos de vergonha tiveram uma influência traumática e compreenderam essa experiência como central na sua vida e na sua identidade, assim, apresentaram níveis mais altos de depressão, ansiedade e estresse.

Costa, Carvalho e Wentzel (2009) realizaram atendimentos com adolescentes na Delegacia do Adolescente e Centro de Sócio-Educação que tinham cometido ato infracional, assim, os autores tiveram como resultado de que as atitudes de ansiedade nos atendimentos eram majoritariamente associadas à ansiedade e que com os atendimentos, houve uma redução de 72,9% dessas atitudes no final do caso. No entanto, eles fundamentaram a ansiedade como uma resposta fisiológica frente à um perigo, no qual visa garantir a sobrevivência do indivíduo, assim, os autores identificaram os sintomas de ansiedade como “agitação motora, respiração ofegante, inquietude e irritabilidade” (COSTA; CARVALHO; WENTZEL, 2009, p. 134).

Os autores Almeida, Pereira e Fontoura (2012) apontaram que a diabetes por conduzir o adolescente à um processo de autonomia, pode ser ansiógena para esse indivíduo. Além disso, os autores tiveram como resultado da sua pesquisa que famílias que possuíam um funcionamento marcado por conflitos influenciavam nos níveis de estresse dos adolescentes e estes apresentavam níveis mais altos de ansiedade que eram manifestados em contextos sociais e escolares, além de influenciar na adesão

do tratamento da diabetes e no controle metabólico, que por sua vez, influencia na qualidade de vida do adolescente (ALMEIDA; PEREIRA; FONTOURA, 2012).

Patias et al. (2016) assinalaram que identificar um transtorno precocemente e precisamente é fundamental para identificar o sofrimento que o indivíduo está vivendo e também para diagnosticá-lo, para assim, indicar um tratamento e prognóstico adequado. No entanto, os autores ressaltam que há uma falta de instrumentos para os adolescentes que diferenciem os sintomas da depressão, da ansiedade e do estresse. Contudo, é de extrema importância que existam ferramentas para poder identificar esses sintomas, pois as transformações biopsicossociais na adolescência podem gerar transtornos mentais que necessitam ser tratados, visto que “a cada ano, 20% dos adolescentes apresentam um transtorno mental que pode levar ao suicídio” (WHO, 2012 apud PATIAS et al., 2016, p. 460).

Em um estudo sobre violência direta e indireta, bem-estar subjetivo e sintomas de ansiedade, depressão e estresse, os autores Patias, Heine e Dell’Aglia (2017) identificaram que a exposição à violência direta (ser vítima) e à violência indireta (presenciar ou ouvir sobre) foram associadas à altos níveis de ansiedade, depressão e estresse, além disso, o estudo apresentou que ser do sexo feminino e não estar satisfeito com a própria vida possui relação com sintomas internalizantes como ansiedade, depressão e somatização.

Pucci e Pereira (2016) tiveram como resultado da sua pesquisa que a morbidade psicológica (falta de bem-estar físico e psicológico) exerce um papel mediador entre o sono e os comportamentos de saúde do adolescente. Além disso, na literatura, foi apresentado que os adolescentes que dormiam menos revelaram um predomínio maior de transtornos de ansiedade (ALFANO et al., 2009 apud PUCCI; PEREIRA, 2016).

As autoras Campagna e Souza (2006) em sua pesquisa sobre imagem do corpo no início da adolescência com adolescentes do sexo feminino, tiveram como resultado que as garotas desejavam usar o corpo como “objeto de sedução”, porém, também apresentaram ansiedade no que se refere às transformações do corpo que estavam vivenciando. Além disso, as autoras apontaram “a existência de angústia, ansiedade e culpa relacionadas às transformações corporais e à emergência da sexualidade” (CAMPAGNA; SOUZA, 2006, p. 30).

D'El Rey, Pacini e Chavira (2006) apontaram que a ansiedade social pode existir de maneira natural, sem ser patológica, pois ela pode surgir antes de um compromisso importante que é novo ou desconhecido, no entanto, os sintomas podem ficar mais intensos fazendo com que os sintomas de fobia social, um transtorno de ansiedade, apareçam. Na pesquisa de D'El Rey, Pacini e Chavira (2006) assinalaram que esses sintomas fóbicos são predominantes nos adolescentes e eles podem causar consequências negativas na vida escolar, pois na pesquisa os autores, eles identificaram que os adolescentes que apresentaram os sintomas de fobia social tinham repetido pelo menos um ano na escola devido a esse quadro os levar a uma limitação funcional relevante.

Wendt e Lisboa (2013) indicaram que as vítimas de *cyberbullying* apresentaram um risco extra na evolução de sintomas de depressão e ansiedade (JUVONEN; GROSS, 2008 apud WENDT; LISBOA, 2013), bem como as vítimas do *bullying* virtual apresentaram uma maior tendência a tentar suicídio (CASSIDY; JACKSON; BROWN, 2009 apud WENDT; LISBOA, 2013).

Por fim, Cunha e Borloti (2009) fundamentaram a ansiedade relacionada ao processo de punição positiva (HAYES et al., 1994 apud CUNHA; BORLOTI, 2009), por outro lado a ansiedade, a fuga, a agressividade e vergonha também está relacionada com o reforçamento negativo (SKINNER, 1974/2003c apud CUNHA; BORLOTI, 2009). Ou seja, a ansiedade está tanto presente após uma inserção de um fator que é aversivo quanto a retirada de um fator que é reforçador, no entanto, na punição a probabilidade da resposta ser emitida diminui e no reforçamento a probabilidade aumenta (CATANIA 1998/1999 apud CUNHA; BORLOTI, 2009).

Com base nesses resultados é possível observar que grande parte dos artigos abordam a ansiedade como um sintoma que é gerado devido a diversos outros fatores que o indivíduo tem contato. Como já foi dito, a adolescência é um período de transição que é marcada por alterações hormonais e morfológicas que trazem uma nova demanda de identidade que podem ocasionar no adolescente um sentimento de inquietude e estranheza em relação a si mesmo, a partir dessa constatação, o adolescente passa a vivenciar um processo de se reconhecer, no entanto, esse processo pode ser permeado pela ansiedade frente ao desconhecido (BRITO, 2011).

4.4.3.2 A ansiedade como causa

A partir dos resultados desta pesquisa, três artigos abordaram a ansiedade como um agente influenciador em outras áreas da vida. A seguir serão apresentadas essas visões desses artigos.

Reppold e Hutz (2013) fundamenta a ansiedade como um indício de quatro particularidades distintas sendo eles: indicadores de humor, cognitivo, somático e motor (APA, 2002 apud REPPOLD; HUTZ, 2013). Contudo, a ansiedade gera um impacto negativo nos aspectos psicossociais, bem como implica em um maior risco de ausência e evasão escolar, dificuldade de se relacionar com as pessoas, vitimização e uso recorrente de psiquiatras (ANSELMINI cols, 2008 apud REPPOLD; HUTZ, 2013), (SIMON; BÖEGELS, 2009 apud REPPOLD; HUTZ, 2013), (VIANNA; CAMPOS; LANDEIRA-FERNANDES, 2009 apud REPPOLD; HUTZ, 2013).

Além disso, os autores Reppold e Hutz (2013) indicaram em seu estudo que o grupo de adolescentes que foi indicado pelos professores por apresentarem comportamentos ansiosos tiveram um índice maior de desajustamento psicológico, ansiedade, do que amostra comunitária e menos que o grupo clínico que possuía diagnóstico psiquiátrico. Esse resultado mostra que “a ansiedade é um transtorno de curso gradual com diagnóstico reservado frente à ausência de tratamento” (ANSELMINI et al., 2008; LEVITAN cols, 2011 apud Reppold e Hutz, 2013, p. 135).

A autora Loos (2004) embasa a ansiedade como sendo um fator que influencia de maneira negativa a performance dos alunos e atua de maneira desvantajosa sobre a percepção e a memória, além de aumentar os comportamentos de auto depreciação (BENJAMIN et al., 1981 apud LOOS, 2004), (EYSENCK, 1983 apud LOOS, 2004), (MARTINS, 1993 apud LOOS, 2004), (MUELLER, 1978/1979 apud LOOS, 2004).

Ademais, segundo a autora, a ansiedade “atrapalha o desenvolvimento construtivo do indivíduo, pois quando alguém se encontra em um estado defensivo não está aberto para a aprendizagem” (LOOS, 2004, p. 565). Além disso, os resultados do estudo de Loos (2004) indicaram que uma má qualidade de convívio com o outro pode piorar o desempenho e aumentar o grau de ansiedade, contudo, uma boa qualidade de convívio pode ajudar na gestão da ansiedade, embora não tenha garantia de um bom desempenho na tarefa.

Por fim, Cunha e Faria (2009) fundamentam a ansiedade como um fator que influencia na indecisão da tomada de decisão vocacional (GATI; MILLER; BROWN,

2005 apud CUNHA; FARIA, 2009) juntamente com a falta de experiência, a inconstância de objetivos de vida, a diminuição da auto eficácia, baixo nível de maturidade vocacional, entre outros. (ARMSTRONG; ROUNDS, 2008 apud CUNHA; FARIA, 2009), (CHARTRAND; ROBBINS, 1997 apud CUNHA; FARIA, 2009).

Com base nesses resultados, pôde-se perceber que a ansiedade pode influenciar a forma com que o indivíduo se relaciona com o meio em que está inserido, podendo assim, influenciar de maneira negativa. De fato, de acordo com Brito (2011), a ansiedade pode influenciar na escola, nos relacionamentos interpessoais, nos conflitos familiares e ocasionar em um maior isolamento do adolescente e no desenvolvimento de comportamentos de risco.

4.4.3.3 A ansiedade não fundamentada

Apenas um artigo não fundamentou a ansiedade, Sanchez e Gouveia Jr. (2008) optaram por utilizar a Escala Analógica de Humor (EAH) por ser esta uma das poucas escalas que medem a ansiedade e por ser a escala mais fácil de leitura e escrita, já que os surdos possuem dificuldade nesse âmbito. No entanto, o foco dos autores foi apenas traduzir a EAH para surdos.

Novamente, pode-se inferir que esse modo de fazer pesquisa em Psicologia descola o fenômeno psicológico da realidade social e cultural, sendo que nesse caso, os autores focaram na surdez e na adaptação de uma escala para surdos sem levar em consideração o contexto em que esses adolescentes estavam inseridos, o período de vida e as influências da ansiedade.

4.5 ANÁLISE GLOBAL

Esta análise global tem como objetivos analisar de maneira crítica, baseado na Psicologia Sócio-Histórica, os resultados obtidos nesta pesquisa. Dito isso, a análise desta pesquisa é fundamentada na visão de homem como aquele que age, constrói e modifica o mundo assim como esse mundo o auxilia na sua formação. Além disso, a partir dessa visão, o fenômeno psicológico é concebido como integrado com a sociedade, sem existir assim, dicotomia entre objetividade e subjetividade (BOCK, 2001).

Nesta revisão integrativa, notou-se que o marco das publicações de Psicologia sobre ansiedade e adolescência se deu em 2004 e que a partir desse ano, os números de publicações vêm aumentando, embora ainda seja importante que a Psicologia

continue produzindo trabalhos acerca dessas duas temáticas atuais e importantes. No entanto, a partir de 2004, quando se iniciou publicação científica sobre essas temáticas, os índices de Transtorno de Ansiedade em adolescentes no Brasil diminuíram consideravelmente (IHME, 2017). Com isso, nota-se a importância de compreender os motivos da diminuição desses índices em pesquisas futuras, a fim de identificar possíveis intervenções ou dinâmicas sociais que podem auxiliar na diminuição da incidência de Transtornos de Ansiedade na adolescência.

Além disso, pode-se observar que abordagens mais positivistas têm publicado em maior quantidade sobre adolescência e ansiedade, ademais, também pôde-se observar que existem pesquisas que analisam a ansiedade e/ou a adolescência como fenômenos separados e descolados um do outro. Por essa abordagem mais positivista não envolver interesses e valores sociais e adotar uma visão de fenômeno psicológico descolado da realidade e do próprio indivíduo, esse tipo de pesquisa se torna possível. No entanto, essa visão de mundo positivista é criticada pela Sócio-Histórica, sendo que a visão da Sócio-Histórica concebe o fenômeno psicológico como algo que se desenvolve ao longo do tempo, pois ele estabelece uma relação com o mundo externo para que o indivíduo possa desenvolver suas capacidades e assim, manifestar seu fenômeno psicológico (BOCK, 2001). Devido à essa concepção, é possível estabelecer uma crítica às publicações que a Psicologia tem realizado sobre adolescência e ansiedade, pois elas têm produzido conhecimento isolando o fenômeno psicológico. Por esse fator, é preciso apontar a importância e a necessidade de um maior número de publicação sobre esses temas por parte da Psicologia Sócio-Histórica.

Com um maior número de pesquisas e publicações fundamentadas na Sócio-Histórica é possível superar as pesquisas da Psicologia que atribuem apenas ao indivíduo a responsabilidade pelos sucessos e fracassos de suas próprias vidas e que classificam quem está no padrão de normalidade e quem está fora, adotando assim, uma visão deslocada, naturalizadora e reducionista da sociedade. Assim, para superar essas perspectivas, a Psicologia Sócio-Histórica adota uma perspectiva materialista histórica e dialética que contribui para entender a ansiedade e a adolescência em sua totalidade e que busca acompanhar o desenvolvimento e as mudanças desses fenômenos em suas interações constantes entre as manifestações do fenômeno no indivíduo e na sociedade (BOCK, 2001).

Embora haja um maior número de pesquisas com abordagens positivistas, também há um grande número de estudos que adotam uma visão de indivíduo que é possuidor de um físico, de uma psique e que está inserido em uma sociedade. Por adotar essa visão, é possível notar que o processo de identidade de adolescentes possui características semelhantes e que é construída de maneira dinâmica pois esses indivíduos compõem uma sociedade que também possui características de estar em constante transformação (SOUSA; BRANDAO, 2008). Devido à essas peculiaridades do indivíduo e da sociedade, é necessário que sempre haja produções científicas de realidade de conhecimento que analisem esse sujeito como um membro de uma sociedade e que tem a percepção de que essa produção é capaz de influenciar a realidade e que esta, por sua vez, é capaz de influenciar os indivíduos (BERGER; LUCKMAN, 1976).

A partir dos resultados desta pesquisa, notou-se um baixo número de pesquisas que relacionam ansiedade, adolescência e aprendizagem, no entanto, pesquisas com essas temáticas são de grande importância, pois no início da adolescência os indivíduos estão deixando de pensar apenas com o raciocínio concreto e estão desenvolvendo o pensamento formal que o fornece a capacidade de desenvolver suas próprias teorias a partir do raciocínio hipotético-dedutivo que o ajudará a recriar seu autoconceito de acordo com a sua idade (PIAGET, 1999).

Além disso, diversas pesquisas abordaram a adolescência como uma fase em que se desenvolve novas capacidades que auxiliarão o jovem na fase adulta. Pois é na adolescência, segundo Alves (1997) que o indivíduo busca recriar os papéis que ele assumia desde então na infância, além de buscar desempenhar, a partir do seu entendimento e conhecimento sobre si, o que ele deseja ser no futuro. A partir desse processo, o adolescente vai ampliando o seu autoconceito e vai englobando as percepções que os outros tem dele e os valores que permeiam o ambiente, no entanto, essas experiências são novas e podem, muitas vezes, ser assustadoras para eles (PIAGET, 1999).

Dito isso, a adolescência de fato traz consigo muitas mudanças biopsicossociais, porém, é necessário compreender que o adolescente não está deslocado da sociedade e que essa por sua vez é influenciadora e influenciada pelos indivíduos, devido à essa percepção, o meio pode tanto auxiliar no desenvolvimento

saudável da adolescência, como dificultar. Além disso, é preciso compreender também que a adolescência foi um termo concebido ao longo da história.

De acordo com Clímaco (1991 apud BOCK, 2007) a adolescência foi concebida devido às mudanças das reformas industriais no ambiente de trabalho por causa da tecnologia e do desemprego da sociedade capitalista que obrigou os jovens a ficarem mais tempo na escola se preparando para o mercado de trabalho. É importante ter essa perspectiva histórica da construção da adolescência para entender que além da aquisição de novas capacidades e das alterações físicas e hormonais, a adolescência é um momento que é composto por fatores sociais e psicológicos que influenciam na forma como cada sociedade concebe a adolescência. Por isso, a adolescência não é um período de desenvolvimento natural, sendo que ela pode possuir diferentes significados e interpretações dependendo do contexto histórico, cultural e socioeconômico em que ela está inserida (OZELLA, 2002 apud SOUSA; BRANDAO, 2008). Portanto, a adolescência, de acordo com Berni e Roso (2014) é um processo de transição, em que o indivíduo é e está adolescente, é um processo de “devir”.

Nesta revisão, notou-se uma carência de pesquisas que incluíssem adolescentes de 10, 11 e 19 anos, sendo o início e o fim da adolescência, porém, estudos que incluam essas idades são necessários, pois segundo Bretas et al. (2008) o início e o fim da adolescência é caracterizado pelas transições de ciclos em que a criança “morre” para nascer um adulto, sendo essa transição marcada por rituais de passagens.

De acordo com Aberastury (1981 apud BRETAS et al., 2008), há três momentos do rito de passagem, o adolescente de início cria e desenvolve a sua identidade seguidamente, vivencia o luto das perdas infantis e por fim se prepara assumir sua identidade na sociedade como adulto, no entanto esses momentos podem ser extremamente novo para esses adolescentes e por isso, podem causar uma inquietação frente às essas mudanças. De outro ponto de vista, Habermas (1983 apud ALVES, 1997) entende a adolescência como um processo marcado pelo desenvolvimento de três tipos de identidade, sendo a identidade natural é marcada pelo abandono da ideia de simbiose e pela aquisição do pensamento pré-operacional, na identidade de papel a criança adere o pensamento concreto operacional e começa a integrar uns papéis simbólicos do cotidiano e a distribuir papéis para as identidades,

já na identidade de eu a criança adquire o pensamento formal e ela consegue entender que as pessoas são autônomas e possuem papéis concretos e normativos.

Devido a essas diferentes visões de aquisição de novas habilidades do indivíduo é que se torna necessário incluir todas as idades da adolescência na pesquisa, a fim de analisar possíveis peculiaridades de cada momento de vida. Além disso, pôde-se observar nesta revisão que estudos têm mostrado que os contextos sociais em que os adolescentes estão inseridos influenciam na sua saúde mental, sendo assim, mais uma vez é possível notar que o indivíduo não é descolado da sociedade, já que estão em constante interação e processo de mudança, e ambos influenciam um no outro (BOCK, 2001).

Devido esse adolescente estar vivenciando diversas transformações na identidade, no âmbito biológico, físico e psíquico que possuem diferentes significados de acordo com o as características históricas e culturais da sociedade, o indivíduo, frente a esse contexto novo pode se sentir ansioso. Diversos artigos desta revisão apontaram que a ansiedade é um sintoma gerado devido a outros fatores que podemos inferir que esses fatores podem proporcionar ao adolescente uma sensação de inquietude e estranheza de si mesmo ou até mesmo, essas transformações podem fazer com que o adolescente se sinta ameaçado frente às novas expressões de si, gerando assim a ansiedade (BRITO, 2011).

Além disso, nesta revisão, também se obteve artigos que apresentaram a ansiedade como um fator que influencia, muitas vezes negativamente, a forma como o indivíduo estabelece relação com o meio externo. Segundo Brito (2011) a ansiedade pode interferir na escola, nos relacionamentos e pode fazer com que o indivíduo se isole e/ou demonstre comportamentos de risco.

Por fim, embora a adolescência seja com momento marcado pelo desenvolvimento de uma nova identidade, muitos adolescentes interpretam esse processo como ameaçador podendo levá-lo a enfrentar com sofrimento esse processo e/ou desenvolver um quadro patológico que o conduza a necessidade de acompanhamento psicológico, no entanto, poucos artigos da amostra da revisão de literatura apresentaram relatos de atendimentos psicológicos, sendo eles de extrema relevância para formar profissionais capazes de atender a alta demanda de adolescentes ansiosos, para assim poder estabelecer uma intervenção eficaz (BRITO, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão pôde-se notar que os processos da adolescência podem ser complexos para um indivíduo que acabou de sair da infância e que irá começar a se preparar para a desconhecida vida adulta, esse processo pode ser muito prazeroso, mas também muito doloroso dependendo de como foi formada a estrutura psíquica desse indivíduo, como a sociedade em que ele está inserido percebe e significa a adolescência, como o seu meio social lida com esse processo, entre outros fatores que influenciam como esse indivíduo irá vivenciar esse processo de mudanças. Além disso, quando esse processo é vivido de maneira dolorosa, o adolescente pode sofrer com sintomas da ansiedade ou outros sintomas psíquicos que precisam ser cuidados por profissionais capacitados e com um bom embasamento teórico.

No entanto, embora existam muitas publicações sobre esses fenômenos, ainda são poucas pesquisas que possuem a abordagem da Psicologia Sócio-Histórica na qual possui uma visão de fenômeno psicológico integrado com o indivíduo e a sociedade. Por isso, recomenda-se que pesquisas futuras: explorem mais o tema da ansiedade na adolescência de maneira íntegra, sem descolar o fenômeno; além de pesquisas que integrem o início e o fim da adolescência; pesquisas que explorem os atendimentos psicológicos; pesquisas que busquem uma associação da ansiedade na adolescência com o processo de aprendizagem; pesquisas que realizem uma revisão de literatura sobre ansiedade na adolescência; assim como pesquisas que olhem para todos esses fatores de maneira integrada.

A adolescência é um processo que todos irão passar, além disso, a ansiedade é um sintoma natural do ser humano que garante a nossa sobrevivência. No entanto, indivíduos podem passar pela adolescência e sentir a ansiedade com sofrimento, necessitando assim de ajuda de profissionais de Psicologia. Precisamos estar preparados para isso, precisamos realizar pesquisas que não culpe o indivíduo, que não tente colocá-lo em um padrão normativo de “homem-branco-burguês-racional-ocidental” (SANTOS, 1996 apud BOCK, 2007, p. 66), que não descole o indivíduo da sociedade, muito menos a ansiedade desse indivíduo, pois a Psicologia está precisando estudar os fenômenos em sua totalidade.

Dito isso, o presente estudo respondeu como os estudos em Psicologia abordam e compreendem a ansiedade e adolescência na sociedade moderna e cumpriu com objetivos estabelecidos para esta pesquisa conseguindo identificar como

a Psicologia tem estudado a adolescência e a ansiedade, bem como realizar uma esquematização das características da amostragem de artigos, identificar como esses artigos abordaram a adolescência e a ansiedade, identificar como a ansiedade e a adolescência influenciam uma à outra e por fim, analisar de maneira crítica, utilizando a Psicologia Sócio-Histórica, como tem sido a produção da Psicologia sobre esses fenômenos. Pode-se concluir que esta pesquisa contribui de maneira crítica com a Psicologia, além de contribuir com o embasamento científico para profissionais da saúde interessados em temas como adolescência e ansiedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. P.; PEREIRA, M. G.; FONTOURA, M.. Variáveis individuais e familiares na adesão ao tratamento, controle metabólico e qualidade de vida em adolescentes com diabetes tipo 1. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 59-82, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

ALVES, C. P. **Quem sou eu? O processo de identidade de uma jovem adolescente**. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1997. 128 p.

Associação Psiquiátrica Americana (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ª ed. Revista (DSM-V). Porto Alegre: Artmed, 2013.

BATISTA, M. A.; OLIVEIRA, S. M. S. S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. **Psic**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 43-50, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 ago. 2019.

BATISTA, M. A.; SISTO, F. F. Estudo para a construção de uma escala de ansiedade para adolescentes. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 22, n. 4, p. 347-354, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

BERGER, L. P.; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 247 p.

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 126-136, abr. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 jul. 2019.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 jul. 2019.

BOCK, A. M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)**. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL, ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa – saúde mental dos adolescentes**. Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839>. Acesso em 28 ago. 2019

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em 29 ago. 2019.

BRETAS, J. R. S. et al. Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2018

BRITO, I. Ansiedade e depressão na adolescência. **Rev. Port. Clin. Geral**, Lisboa, v. 27, n. 2, p. 208-214, mar. 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-71032011000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 nov. 2018

BURGER, E. R.; VITURI, R. C. I. Metodologia de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais: história de vida como estratégia e história oral como técnica-algumas reflexões. In: Encontro de Pesquisadores do programa de Pós-Graduação em educação: Currículo: tempos, espaços e contextos. São Paulo. **Anais...**, São Paulo: PUC, 2013. Disponível em: <https://www4.pucsp.br/webcurriculo/edicoes_anteriores/encontro-pesquisadores/2013/downloads/anais_encontro_2013/poster/reneecoura_ivovituri_e dneiareginaburger.pdf> Acesso em 08 nov. 2019

CAMPAGNA, V. N.; SOUZA, A. S. L. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. **Bol. psicol.**, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 9-35, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2019.

CASTILLO, A. R. GL et al. Transtornos de ansiedade. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 22, supl. 2, p. 20-23, dez. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 mar. 2019.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 256 p.

CIAMPA, A. C.; ALVES, C. P.; ALMEIDA, J. A. M. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100416&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2018

CIAMPA, A. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.). **A Psicologia Social – O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75

COSTA, L. S.; CARVALHO, M. C. N.; WENTZEL, Tiago Rafael. Intervenção psicológica focal em adolescentes autores de ato infracional. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 130-146, jul. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

CUNHA, L. S.; BORLOTI, E. B. O efeito de contingências de reforçamento programadas sobre o relato de eventos privados. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 209-230, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452009000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 ago. 2019.

CUNHA, M. C. T. C. S. B.; FARIA, L. C. Efeito da intervenção psicológica vocacional na indecisão e comportamento exploratório. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 558-573, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 ago. 2019.

CUNHA, M. I. V. A. et al. Avaliação do impacto de acontecimentos traumáticos na adolescência: validação da Impact of Event Scale-Revised. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 34, n. 2, p. 249-260, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2017000200249&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

D'EL REY, G. J. F.; PACINI, C. A.; CHAVIRA, D. J. F. Fobia social em uma amostra de adolescentes. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 1, p. 111-114, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2019.

GIL, Carlos Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173 p.

GOMES, G. C. et al. Qualidade de sono e sua associação com sintomas psicológicos em atletas adolescentes. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 316-321, set. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822017000300316&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

Institute for Health Metrics and Evaluation. **Global Health Data Exchange (GHDx)**. Seattle: Universidade de Washington, 2017. Disponível em <<http://ghdx.healthdata.org/gbd-results-tool>>. Acesso em 29 ago. 2019

LOOS, H. Ansiedade e aprendizagem: um estudo com díades resolvendo problemas algébricos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 9, n. 3, p. 563-573, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2019.

MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências a saúde e na enfermagem. **Texto e Contexto - Enfermagem**. Vol. 17, no 4, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018>. Acesso em 15 ago. 2019.

PAPALIA, E. D.; FELDMAN, D. R. **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PATIAS, N. D. et al. Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) - Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros. **Psico-USF**, Itatiba, v. 21, n.

3, p. 459-469, dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712016000300459&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

PATIAS, N. D.; HEINE, J. A.; DELL'AGLIO, D. D. Bem-estar subjetivo, violência e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 16, n. 4, p. 468-477, out. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712017000400011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2019.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 136 p.

PUCCI, S. H. M.; PEREIRA, M. G. O papel mediador da morbidade psicológica em hábitos de sono e comportamentos de saúde em adolescentes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 53-57, fev. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572016000100053&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2019.

REPPOLD, C. T.; HUTZ, C. S. Evidências de validade da escala de avaliação de ansiedade em adolescentes brasileiros. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 12, n. 2, p. 131-136, ago. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 ago. 2019.

SANCHEZ, C. N. M.; GOUVEIA JR, A. Adaptação da EAH para população de surdos falantes de LIBRAS. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 171-179, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452008000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 ago. 2019.

SOUSA, A. C. G.; BRANDAO, S. N. Como é ser adolescente do sexo feminino na periferia?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 82-97, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2018

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>. Acesso em 15 ago. 2019

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 73-87, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 ago. 2019.

World Health Organization. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em <<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2019

APÊNDICE

Quadro 6 – Estudo 1

ESTUDO 1	
TÍTULO:	Estudo para a construção de uma escala de ansiedade para adolescentes.
AUTOR (ES):	BATISTA, M. A.; SISTO, F. F.
REVISTA:	Estud. psicol. (Campinas)
ANO:	2005
OBJETIVOS:	Desenvolver uma escala de ansiedade para adolescentes.
AMOSTRA:	249 alunos de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, que não tinham histórico de problemas psicológicos, que estavam estudando no ensino médio em escolas estaduais de São José dos Campos.
ADOLESCÊNCIA:	O estudo aborda a adolescência como uma etapa da vida em que muitas transformações estão presentes “o que facilita o surgimento dos estados de apreensão, podendo provocar ansiedade, que é muitas vezes vista como rebeldia pelos pais, professores ou como obstáculo na realização de pesquisas científicas por dificultar um trabalho sistemático, dada a natureza transitória dessa fase” (p. 349). Porém, como esse adolescente vive uma fase da vida que é, muitas vezes desafiadora, ele acaba vivendo situações que causam ansiedade.
ANSIEDADE:	Esse estudo identificou três eixos causadores de ansiedade, sendo eles: “referência ao futuro, ao novo, ao desconhecido; outro com referência ao relacionamento interpessoal, sentimentos de menos valia, irritação, nervosismo, baixa resistência a cobranças; e o último com referência à sexualidade, bem como medo de sair à noite, medo de envolver-se com drogas e medo do relacionamento sexual” (p. 353). Além disso, contestando esses três eixos, outro eixo teve como referência à compensação à ansiedade, expressando “proteção, felicidade, dinamismo e segurança” (p. 353).
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	Esse estudo apresentou que a escala é razoável em relação à psicométrica e a validade, sendo assim, apontou para a necessidade de mais estudos nessa área já que não existem escalas

	para avaliar a ansiedade em adolescentes.
--	---

Fonte: Elaborado a partir dos dados SCIELO

Quadro 7 – Estudo 2

ESTUDO 2	
TÍTULO:	Avaliação do impacto de acontecimentos traumáticos na adolescência: validação da Impact of Event Scale-Revised.
AUTOR (ES):	CUNHA, M. I. V. A.; XAVIER, A. M. J.; ZAGALO, S. M.; MATOS, M. S. A. A.
REVISTA:	Estud. psicol. (Campinas)
ANO:	2017
OBJETIVOS:	Validação da <i>Impact of Event Scale-Revised</i> a partir da adaptação e análise das qualidades psicométricas em uma amostra de adolescentes portugueses.
AMOSTRA:	383 adolescentes de idade igual ou superior a 12 e inferior a 19 anos, sendo 178 homens e 205 mulheres que frequentavam o ensino regular de escolas públicas em Coimbra, Portugal.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência nesse artigo é abordada como uma fase em que os indivíduos estão preocupados com a avaliação que os outros farão de si, se o mundo irá aceitá-los e aprová-los. Sendo que os acontecimentos nessa fase podem contribuir tanto para um bem-estar psicológico, quanto para um estressor que pode aumentar a vulnerabilidade desse adolescente e colocá-lo em uma posição em que os sentimentos de vergonha e inferioridade estão presentes.
ANSIEDADE:	A pesquisa identificou que “adolescentes cujas experiências de vergonha tiveram um impacto traumático tendem a percebê-las como centrais em sua vida e identidade, bem como manifestar níveis mais elevados de sintomas de depressão, ansiedade e estresse” (p. 258).
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	A versão portuguesa do IES-R se mostrou ser um instrumento válido para avaliar as respostas de estresse e/ou impacto traumático, particularmente se tratando de experiências causadoras de vergonha.

Fonte: Elaborado a partir dos dados SCIELO

Quadro 8 – Estudo 3

ESTUDO 3	
TÍTULO:	Intervenção psicológica focal em adolescentes autores de ato infracional.
AUTOR (ES):	COSTA, L. S.; CARVALHO, M. C. N.; WENTZEL, T. R.
REVISTA:	Ciênc. cogn.
ANO:	2009
OBJETIVOS:	Conceder atendimento psicológico com estratégias focais a fim de proporcionar reflexões sobre o ato infracional e promover a consciência da sua responsabilidade, além de visar a diminuição de atitudes depressivas e ansiosas.
AMOSTRA:	Foram realizados no total 59 atendimentos na Delegacia do Adolescente e Centro de Sócio-Educação no período de março a novembro de 2005. Desses atendimentos, 37 foram com adolescentes do sexo masculino, 8 do sexo feminino e 2 atendimentos familiares. A média da idade dos adolescentes foi de 15,5 anos. Do total de casos, 40% já havia passado pela instituição, porém, durante o estudo, não teve reincidência no serviço psicológico.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência foi compreendida com base no Estatuto da Criança e do Adolescente. Além disso, o artigo expõe que na sociedade contemporânea o individualismo é a sua marca registrada, sendo que os adolescentes são os mais vulneráveis a esses apelos individualistas. Principalmente quando se trata de adolescentes que estão em um contexto social onde não são assistidos, sucessíveis a cometerem delitos.
ANSIEDADE:	A ansiedade é compreendida como uma resposta fisiológica frente a um perigo ou ameaça. No entanto, no artigo, essa ansiedade só foi avaliada no momento em que esses adolescentes foram atendidos, ou seja, logo após terem passado pela triagem na Delegacia.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	Há um contexto em envolvimentos de adolescentes em atos infracionais que mostra a vulnerabilidade que apoia o desenvolvimento destes. Percebeu-se “problemáticas comuns, tais como não estabelecimento de regras ou acolhida pelos vínculos familiares, conflitos típicos da adolescência, evasão escolar, contato com

	drogas e desigualdade social” (p.142). Porém, se as vulnerabilidades e os potenciais de proteção se encontram nas relações.
--	---

Fonte: Elaborado a partir dos dados PEPSIC

Quadro 9 – Estudo 4

ESTUDO 4	
TÍTULO:	Variáveis individuais e familiares na adesão do tratamento, controle metabólico e qualidade de vida em adolescentes com diabetes tipo 1.
AUTOR (ES):	ALMEIDA, J. P.; PEREIRA, M. G.; FONTOURA, M.
REVISTA:	Rev. SBPH
ANO:	2012
OBJETIVOS:	Pesquisar as influências dos fatores psicológicos e psicossociais na adesão do tratamento e controlo metabólico.
AMOSTRA:	157 adolescentes com idades entre 10 e 18 anos utentes da consulta de Endocrinologia Pediátrica do Hospital de S. João – Porto. Os critérios foram: “preencher os critérios da ISPAD [7] para o diagnóstico de Diabetes Tipo 1; ter recebido o diagnóstico pelo menos há 1 ano; estar em Regime de Ambulatório (não internados), ausência de gravidez; ausência de doença aguda e desenvolvimento intelectual normal” (p.65).
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é vista como uma fase que apresenta dificuldades para lidar com o tratamento de diabetes devido à adesão do tratamento que exige mudanças no nível social, emocional e fisiológico. Além disso, o tratamento da diabetes contribui para o processo de autonomia do adolescente, podendo muitas vezes causar ansiedade.
ANSIEDADE:	A ansiedade e a depressão são apresentadas no estudo em níveis mais altos quando a família do paciente possui níveis altos de conflito, devido a isso, o adolescente apresenta alto grau de estresse frente à diabetes. No entanto, o funcionamento familiar pode auxiliar ou atrapalhar o enfrentamento da doença.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	Importância do contexto social na adesão do tratamento, para o controle metabólico e para a qualidade de vida dos adolescentes. O quadro de diabetes em jovens mostra um grau de ansiedade mais elevado, podendo dificultar na adesão do tratamento. Além disso, o funcionamento familiar pode facilitar ou prejudicar a adesão do tratamento. Por fim, o artigo recomenda que

	abordagens terapêuticas individuais e psicoeducacionais associadas com intervenções familiares podem ser favoráveis para o indivíduo em tratamento enfrentar os desafios da diabetes.
--	---

Fonte: Elaborado a partir dos dados PEPSIC

Quadro 10 – Estudo 5

ESTUDO 5	
TÍTULO:	Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) - Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros.
AUTOR (ES):	PATIAS, N. D.; MACHADO, W. L.; BANDEIRA, D. R.; DELL'AGLIO, D. D.
REVISTA:	Psico-USF
ANO:	2016
OBJETIVOS:	Adaptação e validação do instrumento <i>Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form</i> (DASS-21) para adolescentes brasileiros para mapear sintomas de depressão, ansiedade e estresse.
AMOSTRA:	426 adolescentes entre 12 e 18 anos sendo 264 meninas e 162 meninos de cinco escolas públicas de periferias de Porto Alegre. Os participantes eram estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é apresentada como um momento da vida em que ocorrem mudanças biopsicossociais que podem levar o indivíduo a apresentar transtornos mentais, pois os jovens ficam sensíveis a eventos estressores devido aos hormônios. Porém, é exposto também que na adolescência acaba sendo mais difícil dar um diagnóstico adequado, devido a sintomatologia se confundir com os comportamentos dos jovens.
ANSIEDADE:	O artigo retrata que segundo as fontes bibliográficas utilizadas, alguns transtornos têm seu início na infância e na pré-adolescência e que os transtornos de ansiedade têm bastante incidência como uma comorbidade da depressão, além disso, a incidência de depressão na adolescência está associada a outros transtornos na vida adulta, como por exemplo, o caso da ansiedade.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	As análises psicométricas indicaram que o EDAE-A é que possui “propriedades psicométricas satisfatórias, permitindo distinguir sintomas de ansiedade, depressão e estresse” (p.466). Porém, sugere-se novos estudos para que seja feita a comparação do EDAE-A com

	outros instrumentos que avaliam os mesmos constructos, além de englobar uma amostra em populações diferentes com realidades socioeconômicas distintas e desenvolver estudos com amostras clínicas.
--	--

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 11 – Estudo 6

ESTUDO 6	
TÍTULO:	Bem-estar subjetivo, violência e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes.
AUTOR (ES):	PATIAS, N. D.; HEINE, J. A.; DELL'AGLIO, D. D.
REVISTA:	Aval. psicol.
ANO:	2017
OBJETIVOS:	“Verificar as relações entre exposição à violência direta (ser vítima) e indireta (testemunhar ou ouvir falar sobre), bem-estar subjetivo e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em adolescentes” (p. 470).
AMOSTRA:	426 adolescentes entre 12 e 18 anos, sendo 264 meninas e 162 meninos, estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio de cinco escolas públicas de Porto Alegre, de escolas que atendiam crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Professores e funcionários.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é abordada como uma fase de vida com mudanças biopsicossociais que podem levar o indivíduo a uma maior vulnerabilidade e exposição da violência. Ademais, os adolescentes mais velhos e do sexo masculino são mais vulneráveis à exposição a violência.
ANSIEDADE:	Sintomas internalizantes como a ansiedade está relacionada com o desenvolvimento de transtornos mentais devido ao fato do adolescente estar exposto à violência de forma direta ou indireta. Além disso, a exposição à violência está mais relacionada com Transtornos de Estresse Pós-traumático (TEPT) que apresenta sintomas internalizantes, mas também está relacionada a sintomas externalizantes como comportamentos impulsivos, de agressão, conduta disruptiva e abuso de substâncias.

(continua)

Quadro 11 – Estudo 6

(conclusão)

ESTUDO 6	
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	<p>O estudo indicou que as exposições a violência direta e a indireta e afetos negativos possuíram associação com sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Participantes do sexo feminino com baixo nível de satisfação com a vida também apresentaram associações aos sintomas internalizantes. Importância da proteção contra a exposição à violência na infância e na adolescência devido ao seu possível impacto no desenvolvimento emocional. O artigo apontou a importância de ter mais instrumentos que “investiguem mais detalhadamente as características dos diferentes contextos, tipos e formas de violência – principalmente relacionadas à exposição à violência indireta” (p. 475), além de estudos futuros englobarem outras variáveis que podem afetar o bem-estar subjetivo.</p>

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 12 – Estudo 7

ESTUDO 7	
TÍTULO:	O papel mediador da morbidade psicológica em hábitos de sono e comportamentos de saúde em adolescentes.
AUTOR (ES):	PUCCI, S. H. M.; PEREIRA, M. G.
REVISTA:	J. Pediatr. (Rio J.)
ANO:	2016
OBJETIVOS:	Realizar uma análise do “possível papel mediador da morbidade psicológica na relação entre a sonolência diurna excessiva e a qualidade de sono, bem como o papel mediador da morbidade psicológica na relação entre hábitos de sono e comportamentos de saúde” (p.54).
AMOSTRA:	272 adolescentes de 12 a 18 anos, de ambos os sexos, cursando o ensino médio em duas escolas públicas no norte de Portugal, sendo 58% mulheres e 48% homens.
ADOLESCÊNCIA:	O artigo possui uma visão da adolescência como um período marcado por mudanças biopsicossociais, em que o sono passa por mudanças estruturais que pode impactar na saúde mental do adolescente.
ANSIEDADE:	O artigo relata a morbidade psicológica como uma combinação de depressão e ansiedade. Além disso, estudos apontaram que adolescentes que dormem pouco apresentam altos níveis de sintomas depressivos e alta prevalência de transtornos de ansiedade.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que não houve efeito causal entre morbidade psicológica e a qualidade de sono, além disso, “o efeito indireto da sonolência diurna excessiva sobre a qualidade do sono não foi mediado pela morbidade psicológica” (p. 55). Ademais, “a depressão/ansiedade, o consumo de drogas e os problemas comportamentais são dificuldades normalmente relatadas por adolescentes com o sono perturbado. Portanto, não surpreende que a morbidade psicológica desempenhe um papel mediador na relação entre hábitos de sono e comportamentos de saúde” (p. 56/57). Por fim, o estudo apontou que a morbidade psicológica tem um papel mediador importante entre o sono e os comportamentos

	saudáveis de adolescentes.
--	----------------------------

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 13 – Estudo 8

ESTUDO 8	
TÍTULO:	Evidências de validade da escala de avaliação de ansiedade em adolescentes brasileiros.
AUTOR (ES):	REPPOLD, C. T.; HUTZ, C. S.
REVISTA:	Aval. psicol.
ANO:	2013
OBJETIVOS:	Utilizar como técnica de investigação a seleção de dois grupos-critério distintos, sendo um grupo clínico de adolescentes com diagnósticos psiquiátricos e outro grupo de adolescentes escolares encaminhados pela equipe pedagógica devido a apresentação de comportamentos atípicos em relação à ansiedade, para assim, apresentar o estudo de validade realizado dos critérios da escala de avaliação de ansiedade em adolescentes.
AMOSTRA:	O grupo critério foi composto por 62 adolescentes que apresentavam sintomas de Transtorno de Ansiedade Generalizada, Fobia Social, Fobia Específica ou Transtorno de Pânico. O grupo era composto por 35,4% do sexo masculino e 64,5% do sexo feminino, sendo que a idade média da amostra foi de 14,6 anos (DP=1,55).
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é vista como um período em que há “aumento das capacidades de autoconsciência e abstração reflexionantes” (p. 132) na qual ocorrem mais casos de ansiedade relacionada à fobia social devido ao fato do adolescente conseguir “julgar seu desempenho social e antecipar supostos comportamentos e avaliações de terceiros” (p. 132). Esses jovens que apresentam alto índice de ansiedade social mostram que possuem uma memória seletiva para informações negativas devido à sua antecipação de interações sociais ou quando imaginam o julgamento de terceiros.
ANSIEDADE:	A ansiedade é apresentada como um “indicador de quatro naturezas distintas, que podem ser agrupados em dois grupos: um relacionado a marcadores somáticos, motores e cognitivos da ansiedade e outro a questões cognitivas de controle de ansiedade” (p.131). A ansiedade em jovens implica um maior risco de absenteísmo e

	evasão escolar, dificuldade em se relacionar interpessoalmente, vitimização e utilização frequente de psiquiatras.
--	--

(continua)

Quadro 13 – Estudo 8

(conclusão)

ESTUDO 8	
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	Os resultados obtidos apresentam que o grupo de adolescentes indicados pelo corpo docente da escola apresentaram maiores indicativos de desajustamento psicológico (ansiedade) quando comparado com as outras amostras. Além disso, os itens da escala são sensíveis para a avaliação da ansiedade e que são necessários estudos futuros que verifiquem a validade desses instrumentos em outras regiões do país.

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 14 – Estudo 9

ESTUDO 9	
TÍTULO:	Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina.
AUTOR (ES):	CAMPAGNA, V. N.; SOUZA, A. S. L.
REVISTA:	Bol. psicol.
ANO:	2006
OBJETIVOS:	O artigo tem como objetivo a investigação de qual é a imagem corporal de meninas que estão entrando na adolescência a partir de entrevistas semi-dirigidas e do Teste do Desenho da Figura Humana.
AMOSTRA:	20 meninas de 12 e 3 meses a 12 e 11 meses de idade que estudam em colégios particulares em São Paulo, além de estarem na série adequada à sua idade (6º ou 7º série) e não estar fazendo tratamento psicoterápico no momento da pesquisa. Ademais, as famílias das jovens tinham uma renda de pelo menos 15 salários mínimos.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência feminina acontece com o advento da puberdade que são marcadas por mudanças significativas da mente e do corpo. Essas mudanças levam a uma necessidade de reformulação da identidade infantil e da imagem corporal. Porém, essas mudanças que ocorrem em meninas da sociedade ocidental contemporânea têm dificuldade em lidar com a sua imagem, devido aos novos desafios da globalização e dos meios de comunicação.
ANSIEDADE:	A ansiedade é abordada nos resultados dos desenhos que estão relacionadas à visão do corpo feminino e suas mudanças devido adolescência.

(continua)

Quadro 14 – Estudo 9

(conclusão)

ESTUDO 9	
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	<p>A pesquisa revelou a partir dos desenhos a presença do desejo de usar o corpo como objeto de sedução ao passo que também apontaram ansiedade em relação às transformações corporais. Ademais, observou-se que as participantes sentiram o impacto das transformações do corpo e buscavam uma nova adaptação ao mundo e uma reorganização da identidade. Esse momento de transição, revelou-se como uma das fases mais difíceis do desenvolvimento do sexo feminino, sendo que gera sentimentos como angústia por não reconhecer quem é, o espaço que ocupa e quanto se é amado e aceito pelos outros. Os discursos das participantes eram repletos de ambivalências marcados por lutos, crises e transformações, além de desorganização psíquica, ansiedade e angústia. Ademais, o estudo mostrou que as participantes apresentavam uma visão mais negativa de seus corpos e uma distância entre corpo idealizado e corpo vivido. Tem-se como conclusão que essas jovens precisam buscar uma percepção mais realista de si e do mundo, que busquem uma rede de apoio e que a sociedade seja mais inclusiva e com padrões de belezas mais amplos.</p>

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 15 – Estudo 10

ESTUDO 10	
TÍTULO:	Fobia social em uma amostra de adolescentes.
AUTOR (ES):	D'EL REY, G. J. F.; PACINI, C. A.; CHAVIRA, D. J. F.
REVISTA:	Estud. psicol. (Natal)
ANO:	2006
OBJETIVOS:	O artigo busca a verificação da prevalência da fobia social e seu impacto na repetência escolar usando como ferramenta o Inventário de Fobia Social (SPIN).
AMOSTRA:	116 adolescentes (49 do sexo masculino e 67 do feminino) de classe média com idades entre 10 a 17 anos, estudantes da 5º a 8º série em uma escola particular em um bairro da zona leste em São Paulo.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é considerada como “uma idade crítica para o desenvolvimento pessoal, pois é nessa faixa etária que desenvolvemos uma série de habilidades sociais, como o comportamento de autoafirmação, habilidades de paquera, etc.” (p.113) Além disso, a identificação e tratamento de transtornos na adolescência é fundamental nesta fase.
ANSIEDADE:	A ansiedade abordada no estudo é a ansiedade social na qual está presente durante todo o desenvolvimento do indivíduo, pois sempre aparece antes de qualquer compromisso social novo ou desconhecido, sendo que nos preparamos para tais eventos a fim de diminuir os sintomas ansiosos, porém, essa ansiedade é normal. Porém, alguns indivíduos sentem a ansiedade social de maneira mais intensa que pode ocasionar em um ataque de pânico e a evitação de eventos futuros.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que os sintomas de fobia social são presentes nos adolescentes e que podem influenciar negativamente na escolaridade, pois a maioria dos participantes com sintomas fóbicos tinham repetido pelo menos uma vez o ano escolar. Além disso, o Inventário de Fobia Social (SPIN) se mostrou adequado para a identificação da fobia social em adolescentes, sendo imprescindível o diagnóstico e o tratamento da fobia social em adolescentes a fim de minimizar

	as consequências que esse transtorno pode ocasionar. Por fim, o estudo recomenda mais estudos nessa área com uma amostra maior para a comprovação dos dados.
--	--

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 16 – Estudo 11

ESTUDO 11	
TÍTULO:	Ansiedade e aprendizagem: um estudo com díades resolvendo problemas algébricos.
AUTOR (ES):	LOOS, H.
REVISTA:	Estud. psicol. (Natal)
ANO:	2004
OBJETIVOS:	O estudo visa a avaliação: “(1) o desempenho cognitivo na atividade de resolução de problemas algébricos (os recursos matemático-algébricos utilizados pelos alunos e as principais dificuldades encontradas); (2) a qualidade da interação social estabelecida nas duplas e o desencadeamento (ou não) de situações de conflito cognitivo e/ou sócio-afetivo; e (3) a manifestação e o gerenciamento da ansiedade e sua repercussão sobre a consecução da tarefa” (p. 566).
AMOSTRA:	Na observação geral, foram analisados 77 alunos na aula de matemática e foram selecionados 16 alunos para a observação focada na qual foi formado oito duplas de 12 a 16 anos que cursavam a 6º e 7º série de uma escola pública em Recife.
ADOLESCÊNCIA:	Não foi houve explanação sobre esse tema.
ANSIEDADE:	A ansiedade é abordada como um aspecto afetivo-emocional em que seus altos níveis afetam negativamente a performance dos alunos, principalmente em relação a percepção e a memória, aumentando assim, as reações de autodepreciação. Além disso, a ansiedade “atrapalha o desenvolvimento construtivo do indivíduo, pois quando alguém se encontra em um estado defensivo não está aberto para a aprendizagem, nem tampouco para a consideração de pontos de vista alheios” (p. 565).
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que quando há uma má qualidade de interação entre os indivíduos há também uma possibilidade de piora no desempenho, pois essa qualidade eleva o nível de ansiedade e desencoraja “o desencadeamento de conflitos sócio-cognitivos” (p. 571). Porém, uma boa interação contribui para o gerenciamento da ansiedade, mas não garante

	o bom desempenho na atividade.
--	--------------------------------

Fonte: Elaborado a partir dos dados LILACS

Quadro 17 – Estudo 12

ESTUDO 12	
TÍTULO:	Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do <i>cyberbullying</i> .
AUTOR (ES):	WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M.
REVISTA:	Psicol. clin.
ANO:	2013
OBJETIVOS:	Apresentar uma revisão de literatura sobre os temas: <i>cyberbullying</i> , suas características, impactos e desafios.
AMOSTRA:	A pesquisa foi realizada nas bases de dados nacionais e internacionais, como PubMed, Academic Search Premier, Science Direct, Pepsic, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde no período entre 2000 e 2012 com os descritores “ <i>cyberbullying</i> ”, “ <i>cyber bullying</i> ” e “ <i>bullying virtual</i> ”.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é abordada como um período que hoje está se desenvolvendo em um contexto repleto de tecnologia de informação e de comunicação, no qual reflete em diferentes manifestações psicossociais. Além disso, os adolescentes que são vítimas de <i>cyberbullying</i> estão mais propensos a ideações suicidas.
ANSIEDADE:	Os sintomas de ansiedade e depressão são possíveis consequências e fatores de risco devido aos acontecimentos relacionados à <i>bullying</i> na adolescência.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que os adolescentes que estiveram envolvidos com <i>cyberbullying</i> apresentaram mais sentimentos de solidão do que aqueles que eram vítimas de <i>bullying</i> . Porém, devido à nova realidade vivida na contemporaneidade, é preciso que as crianças e adolescentes sejam supervisionados de novas maneiras, tanto nas práticas clínicas, educativas e parentais. Além disso, são necessárias novas pesquisas sobre o assunto e que sejam realizadas em diferentes culturas.

Fonte: Elaborado a partir dos dados BVS

Quadro 18 – Estudo 13

ESTUDO 13	
TÍTULO:	O efeito de contingências de reforçamento programadas sobre o relato de eventos privados.
AUTOR (ES):	CUNHA, L. S.; BORLOTI, E. B.
REVISTA:	Rev. bras. ter. comport. cogn.
ANO:	2009
OBJETIVOS:	“Investigar o controle de contingências programadas sobre eventos privados do tipo sentir, empregando um procedimento que eliciou tais eventos e evocou o tacto dos mesmos (sentimentos) de modo a elucidar como as contingências de reforçamento programadas no software se relacionam com os tactos dos eventos privados do tipo sentir” (p. 212).
AMOSTRA:	20 estudantes de idades entre 11 a 14 anos (10 do sexo masculino e 10 do feminino) que estavam cursando o ensino fundamental em uma escola particular em Vitória.
ADOLESCÊNCIA:	Não foi houve explanação sobre esse tema.
ANSIEDADE:	O estudo aponta uma relação da ansiedade com o processo de punição positiva (diminui a probabilidade da resposta) e reforçamento negativo (maior probabilidade de emissão da mesma resposta).
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que “a exposição às contingências (programas em um software) pode eliciar eventos privados do tipo sentir e produzir tactos dos mesmos” (p. 224). Portanto, o software se mostrou adequado e eficiente.

Fonte: Elaborado a partir dos dados BVS

Quadro 19 – Estudo 14

ESTUDO 14	
TÍTULO:	Efeito da intervenção psicológica vocacional na indecisão e comportamento exploratório.
AUTOR (ES):	CUNHA, M. C. T. C. S. B.; FARIA, L. C.
REVISTA:	Psicol. cienc. prof.
ANO:	2009
OBJETIVOS:	Descrição dos resultados de um caso de consulta psicológica que tinha como objetivo “apoiar as dificuldades de tomada de decisão vocacional, usando medidas de resultado que incluem a indecisão e a exploração de carreira” (p. 563).
AMOSTRA:	Um indivíduo do sexo masculino de 14 anos, solteiro, cursando o 9º ano em uma escola privada em Portugal, proveniente de uma família de nível social, econômico e cultural de nível médio alto.
ADOLESCÊNCIA:	A adolescência é abordada como a fase em que se estabelece compromissos relacionados à vida escolar e profissional, no qual se desenvolve a capacidade de lidar com desafios. Nessa fase, o indivíduo se encontra em um momento de transição da fantasia para a realidade, na qual exige maior autonomia, responsabilidades, independência e capacidade de decisão, no entanto, “a capacidade de raciocínio abstrato e hipotético-dedutivo, contribuem substancialmente para o desenvolvimento geral do adolescente, proporcionando oportunidades de praticar e desenvolver a sua perspectiva temporal de futuro ou o ensaio de papéis sociais, em imaginação e na realidade” (p. 566). Ademais, as intervenções nesses momentos de decisão podem ajudar os adolescentes em seu autoconhecimento e na ampliação de possibilidades de carreira.
ANSIEDADE:	A ansiedade é abordada como um sintoma que interfere na indecisão da tomada de decisão vocacional, além disso, o estudo aborda que os indecisos crônicos apresentam indecisão frente há diversos desafios e esses apresentam ansiedade do tipo traço. Além disso, há dois tipos

	de indivíduos, aqueles que sentem a ansiedade frente ao problema atual e aqueles que se sentem paralisados frente aos desafios vivenciados, sendo que os primeiros conseguem gerenciar sua ansiedade, mas os segundos podem necessitar de uma ajuda externa.
--	--

(continua)

Quadro 19 – Estudo 14

(conclusão)

RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que no período de pós tratamento o adolescente apresentou níveis mais baixos de indecisão de carreira, que a sua ansiedade frente à tomada de decisão diminuiu e que os resultados obtidos mostraram a eficácia do tratamento para indecisão e exploração vocacional.
---	--

Fonte: Elaborado a partir dos dados BVS

Quadro 20 – Estudo 15

ESTUDO 15	
TÍTULO:	Adaptação da EAH para população de surdos falantes de LIBRAS.
AUTOR (ES):	SANCHEZ, C. N. M.; GOUVEIA JR, A.
REVISTA:	Rev. bras. ter. comport. cogn.
ANO:	2008
OBJETIVOS:	Traduzir a “Escala Analógica de Humor para surdos usuários de LIBRAS, utilizando o alfabeto digital e LIBRAS, gerando uma escala trilingue (português, LIBRAS e alfabeto digital) e testar esta escala traduzida, para comparar a ansiedade relatada entre não surdos e surdos falantes de LIBRAS” (p. 173).
AMOSTRA:	55 sujeitos, sendo que o grupo experimental era composto por 15 surdos de ambos os sexos de 11 a 18 anos matriculados em um programa de reabilitação da cidade de Bauru e o grupo-controle era composto por 40 ouvintes matriculados em uma escola pública em Bauru.
ADOLESCÊNCIA:	Não foi houve explanação sobre esse tema.
ANSIEDADE:	Não foi houve explanação sobre esse tema.
RESULTADOS E CONCLUSÕES:	O estudo apontou que a “escala analógica de humor traduzida não apresentou diferenças estatísticas ao mensurar a ansiedade em relação à escala-padrão, permitindo o seu uso como medida de ansiedade nesta população” (p. 176. Além disso, foi apontado a importância da tradução de ferramentas para surdos, sendo que esses possuem muitas vezes suas avaliações e diagnósticos prejudicados devido à falta de material adequado para essa população.

Fonte: Elaborado a partir dos dados BVS